



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DIEGO FELIPE DE OLIVEIRA PANTOJA

**DEFICIÊNCIA FÍSICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESPECIAL: PRODUÇÃO CIENTÍFICA A
PARTIR DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA (1998-2009)**

Macapá

2010

DIEGO FELIPE DE OLIVEIRA PANTOJA

DEFICIÊNCIA FÍSICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESPECIAL: PRODUÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA (1998-2009)

Monografia apresentada para exame de Defesa de TCC junto à banca examinadora do Colegiado do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Educação Física. Orientadora: Prof^a. Ms. Cássia Hack.

Macapá

2010

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá**

Pantoja, Diego Felipe de Oliveira

Deficiência física na educação física especial: produção científica a partir dos programas de pós-graduação em educação física / Diego Felipe de Oliveira Pantoja; orientadora Cássia Hack. Macapá, 2010.

78 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física.

1. Educação física escolar. 2. Educação física inclusiva – Produção Científica. I. Hack, Cássia. (orient.). II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD. 22.ed. 613.7



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DIEGO FELIPE DE OLIVEIRA PANTOJA

**DEFICIÊNCIA FÍSICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESPECIAL: PRODUÇÃO CIENTÍFICA A
PARTIR DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA (1998-2009)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Mestre Cássia Hack (Orientadora)

Prof. Dr. Marcio Romeu Ribas de Oliveira (Examinador)

Prof. Especialista Ronaldo Manassés (Examinador)

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar, quero dedicar este trabalho a **DEUS** criador, mantedor e restaurador do Universo. Sem ele, com certeza, eu não chegaria até esta etapa de minha vida, o que alguns consideram coincidência ou sorte eu considero Providência Divina.

Dedico também este trabalho aos meus pais **Edna de Oliveira e Roberto Assis**, por seus esforços e empenho em me proporcionar meios para alcançar meus sonhos e objetivos.

E a todos que em algum momento já se sentiram excluídos/as da aula de Educação Física ou até mesmo da escola por ser uma **pessoa com Deficiência Física**.

AGRADECIMENTOS

Á **Deus**, aos meus Pais **Edna Oliveira** e **Roberto Assis**.

A minha namorada **Edinelma Vaz** pelo apoio e compreensão.

A minha professora orientadora **Cássia Hack** por ter me ajudado a realizar este estudo, e pelas experiências que compartilhamos.

A **turma de Educação Física 2007**, pela aprendizagem que realizamos juntos durante os quatro anos que se passaram.

Qualquer pessoa, de uma hora para outra, pode se tornar 'deficiente', e não é sensato imaginar que 'apenas' por isso deixará de ter direitos, como ir e vir a qualquer lugar que quiser; estudar; ter lazer; trabalhar; freqüentar os mais variados ambientes etc. (SOLER)

**TUDO POSSO NAQUELE
QUE FORTALECE**

Filipenses 4:13

RESUMO

A inclusão de pessoas com deficiência na sociedade é um tema bastante discutido atualmente, a Educação Física Escolar como disciplina do currículo básico, também é um instrumento que pode potencializar a inserção de pessoas com deficiência na sociedade. Porém, o professor de Educação Física ao preparar uma aula encontra dificuldade em localizar obras que possam servir de base para o seu planejamento, devido à escassez bibliográfica em Educação Física voltada para Deficientes Físicos. Diante disto, este trabalho buscou fazer um levantamento das produções científicas, nos programas de pós-graduação em Educação Física acerca especificamente da Deficiência Física. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica através de análises de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas desde 1998 até 2009, em 16 programas de Universidades públicas reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Encontramos, 32 produções científicas que trazem em sua pesquisa, alguma relação com as causas, conseqüências e reabilitação da Deficiência Física. Percebeu-se que a produção científica sobre Deficiência Física na escola, ainda é muito restrita, e a maioria dos trabalhos, foram realizados fora do ambiente escolar; em reabilitação em instituições especializadas ou relacionadas ao esporte adaptado. Notou-se também que a maior parte dos trabalhos são voltados a reabilitação da pessoa com Deficiência Física. Estas pesquisas realizadas fora da escola são importantes, pois, podem auxiliar em um planejamento educacional, mas, há necessidade de se ter produção científica realizada a partir da aula de Educação Física, experiências relatadas que sirvam de base para o planejamento de professores com alunos com deficiência. Não queremos negar a importância dessas pesquisas relacionadas ao esporte adaptado ou reabilitação para deficientes físicos. Até porque mesmo essas, são poucas quando comparadas a outros temas da Educação Física. O que queremos trazer a reflexão é o fato de que é justamente uma produção científica significativa sobre a Deficiência Física uma das ferramentas que pode contribuir (não que seja determinante) para auxiliar no processo de inclusão e planejamento da Educação Física Escolar.

Palavras-Chave: Educação Física Escolar; Deficiência Física; Produções Científicas; Inclusão; Pós-graduação.

ABSTRACT

The people's inclusion with deficiency in the society is a theme quite discussed now, the School Physical Education as discipline of the basic curriculum, is also an instrument that can to incentive the people's insert with deficiency in the society. Even so, the teacher of Physical Education when preparing a class finds difficulty in to located works that can serve as base for its planning, due to the bibliographical shortage in Physical Education returned for Faulty Physical. Before this, this work looked for to do a rising of the scientific productions, in the masters degree programs in Physical Education brings near specifically of the Physical Deficiency. Realized a bibliographical research through you analyze of Master's dissertations and doctorate theses defended since 1998 up to 2009, in 16 programs of public Universities recognized by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). We Found, 32 scientific productions that they bring in its research, some relationship with the causes, consequences and rehabilitation of the Physical Deficiency. It was noticed that the scientific production on Physical Deficiency in the school, is still very restricted, and most of the works, they were accomplished out of the school atmosphere; In the rehabilitation in specialized institutions or related to the adapted sport. It was also noticed that most of the works is returned, the person's rehabilitation with Physical Deficiency, these researches accomplished out of the school are important, because, even they can auxiliary in an educational planning, but, there is need to have scientific production accomplished inside of the class of Physical Education, told experiences that serve as base for the teachers' planning that come across students with deficiency. We don't want to deny the importance of those researches related to the adapted sport or rehabilitation for faulty physical. Especially because same those, are little when compared the other themes of the Physical Education. What we wants to bring is the reflection it is fact that is exactly a significant scientific production on the Physical Deficiency one of the tools that can contribute (Not that is decisive) to aid in the inclusion process and planning of the School Physical Education.

Key-Words: School Physical Education; Physical Deficiency; Scientific Productions; Inclusion; Masters degree.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Instituições de ensino superior público que apresentam programas de pós-graduação em Educação Física reconhecidos pela CAPES.....	15
TABELA 2: Conceitos dos mestrados e doutorados em Educação Física.....	39
TABELA 3: Quantidade de defesas sobre deficiência física encontradas nos programas.....	42

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Distribuição dos programas por região.....	40
GRÁFICO 2: O número de trabalhos sobre deficiência física	41
GRÁFICO 3: Mapeamento dos mestrados e doutorados sobre deficiência física no período de 1998 a 2009.....	43
GRÁFICO 4: Principais causas da deficiência física encontradas nas produções científicas.....	44
GRÁFICO 5: Categorias da deficiência física encontradas nos estudos.....	45
GRÁFICO 6: Categorização das produções científicas.....	46

SUMÁRIO

RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
LISTA DE TABELAS	VIII
LISTA DE GRÁFICOS	IX
SUMÁRIO	X
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2 CONCEITOS E HISTÓRICOS	17
2.1 CONCEITOS, CLASSIFICAÇÕES E NOMENCLATURAS.....	17
2.2 CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO MUNDO.....	20
2.3 CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL.....	22
2.4 INSTITUIÇÕES PARA OS DEFICIENTES FÍSICOS.....	25
3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	28
3.1 A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	28
3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA.....	32
4 PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA BREVE ANÁLISE	34
5 INDICADORES DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESPECIAL	39
5.1 ANÁLISES DAS DISSERTAÇÕES E TESES.....	47
6 DISCUSSÃO	65
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
8 REFERÊNCIAS	72
8.1 REFERÊNCIAS. DE TESES E DISSERTAÇÕES DIGITALIZADAS.....	75
8.1 REFERÊNCIAS. DOS RESUMOS DISPONIBILIZADOS PELA CAPES.....	77

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente a sociedade está se adaptando para melhor atender as pessoas com deficiência, seja qual for à deficiência. Na escola não é diferente, e a Educação Física também faz parte deste processo. Existe a necessidade de reconhecer o número de pesquisas na área da Educação Física Especial. Algumas universidades, em seus cursos de formação de professores, possuem nas matrizes curriculares, disciplinas que tratam a inclusão de pessoas com deficiência. Nos cursos de pós-graduação também existem, linhas de pesquisa, disciplinas voltadas á esta área de estudo, contudo, apesar da pesquisa em Educação Física ter uma produção significativa em nosso país, há necessidade de aprofundamento na temática da Educação Física Especial. Na Educação Física, especificamente sobre pessoas com Deficiência Física o número de estudos é bem escasso.

Com o aumento do número de pessoas com Deficiência Física, ativos e participantes na sociedade e na escola, o/a professor/a de Educação Física deve estar constantemente se atualizando para poder contribuir para a inclusão do/a seu aluno/a nas aulas de Educação Física.

A aula Educação Física pode favorecer a construção de uma atitude digna e de respeito próprio por parte do deficiente e a convivência com ele pode possibilitar a construção de atitudes de solidariedade, de respeito, de aceitação, sem preconceitos. (BRASIL, 1998. p. 57)

Diante desta afirmação percebe-se que a inclusão do deficiente físico nas aulas de Educação Física pode trazer diversos benefícios tanto ao aluno/a com deficiência, como aos outros colegas e ao próprio/a professor/a que está em contato com este/a aluno/a.

A Educação Física no passado pregava a imagem do corpo perfeito, só poderia participar da aula de Educação Física quem tivesse um corpo “normal”, um dos fatores que contribuiu para influenciar este pensamento foi o fato de ter existido a associação do esporte com a Educação Física, há aqueles que confundem, e associam o esporte espetáculo com a prática da Educação Física Escolar.

A história da Educação Física Escolar é uma história de exclusão e marginalização com os menos hábeis, meninas e portadores de necessidades especiais, inclusive todos os dias enxergamos na mídia uma

ditadura estética, em que só é valorizado o corpo perfeito, alijando-se do corpo comum, e que, na realidade, consome todo o tipo de produto esportivo. (SOLER, 2005, p.18).

Com a LDB-9394/96, A Educação Física passou a ser um componente curricular obrigatória no ensino básico. Esta mesma Lei promove a inclusão das pessoas com deficiência. Com isto a inclusão passou a estar mais presente nas discussões em educação, este trabalho procurou levantar as produções científicas nos programas de pós-graduação em Educação Física sobre deficientes físicos, dos 22 programas de pós-graduação, analisamos 16 de universidades públicas reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Pode-se perceber que a Educação Especial deve ser trabalhada de forma que contribua não somente para a vida escolar da aluno/a, mas também para a vida fora da escola. Se o processo “deve ser integral” desde a educação básica até o nível superior, isto inclui a Educação Física, visto que a mesma compõe o currículo básico escolar e tem na cultura corporal de movimento,¹ como expressão física da cultura, sua contribuição para a formação de cidadãos conscientes e participativos.

[...] o ambiente escolar promove desafios de aprendizagem. Privar uma criança ou um jovem dos desafios da escola é impedi-los de se desenvolverem. Não podemos aprisionar a nossa concepção equivocada de limitação. (SHIRMER, 2007, p. 18).

Desde a promulgação da Constituição de 1988 – a Carta Magna Brasileira – é garantida a Educação como um direito à todos, assim, podemos observar uma crescente preocupação com a inclusão de pessoas, até então excluídas no sistema educacional, fundamentalmente como garantia de direito social.

No capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto, Art. 205 da Carta Magna temos:

A Educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

¹ Segundo (BETTI, 1993 *apud* DARIDO & RANGEL, 2005, p. 28) “[...]A cultura corporal é uma parte da cultura humana[...] abrange o domínio de valores e padrões de atividades física, sobretudo as institucionalizadas, como o esporte.[...]”

É dever do Estado, garantir o acesso de todos/as ao Sistema Educacional Especializado, inclusive de pessoas com deficiência e deve ser feito de preferência no ensino regular de acordo com o Artigo 205 e Artigo 208, inciso III, respectivamente do Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto. Se a Educação é direito de todos isto também inclui as pessoas com deficiência.

Logo após a constituição houve a proposta de um novo projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB - que foi aprovado somente em 1996, sob nº 9394/1996.

A LDB no capítulo V normatiza a Educação Especial. E a define no artigo 58 como “a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.”

Logo a Educação Especial é uma modalidade de ensino para os/as alunos/as com deficiência, sendo que a mesma deveria ser implantada preferencialmente no ensino regular.

É cada vez maior o número de pessoas com deficiência matriculadas no ensino básico. Diante disto o professor de Educação Física deve planejar as aulas de maneira que ela possibilite a participação do aluno com deficiência. No entanto, ao na busca de referencias sobre Deficiência Física na Educação Física Escolar percebemos um escassez bibliográfica relacionada a essa temática. Em virtude desta problemática fazemos os seguintes questionamentos: Qual o motivo da escassez bibliográfica sobre Deficiência Física na Educação Física Escolar? Como está a produção científica nos mestrados e doutorados sobre Deficiência Física na Educação Física Escolar?

O objetivo principal deste estudo foi Elaborar o “estado da arte” sobre Educação Física Especial, especificamente sobre a Deficiência Física, a partir das dissertações e teses elaboradas nos programas brasileiros de pós-graduação em Educação Física.

E os objetivos específicos foram os seguintes: Localizar os programas de pós-graduação, universidades, cidades e estados em que foram produzidos os estudos sobre Educação Física Especial; Identificar o estado atual da produção nos programas de pós-graduação em Educação Física, na linha de pesquisa em

Educação Física Especial; Conhecer o passado recente, o presente e perspectivas para a Educação Física Inclusiva; Identificar as temáticas recorrentes nas pesquisas em Educação Física Especial; Depreender, da análise das dissertações e teses, possíveis metodologias de ensino propostas para Educação Física Inclusiva.

Este estudo foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica que segundo Santos (2009, p.193): “[...] é feita com base em documentos já elaborados [...]”. Desta forma acessamos o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES - que é a instituição que reconhece os programas de pós-graduação em Educação Física; foram escolhidos os programas de universidades públicas e classificados de acordo com o conceito da CAPES. Os trabalhos identificados e selecionados foram os que possuíam relação com as causas, conseqüências e reabilitação da Deficiência Física.

Foram analisadas as dissertações e teses especificamente sobre pessoas com Deficiência Física, com o intuito de fazer um levantamento do que foi produzido sobre inclusão de alunos com Deficiência Física nas aulas de Educação Física e a metodologia de ensino propostas pelos mesmos ou alguma temática envolvendo pessoas com Deficiência Física.

A CAPES disponibiliza uma lista de dissertações e teses de diversos temas que são defendidas a cada ano nos programas de pós-graduação, lemos as listas dos 16 programas participantes da amostra e selecionamos os trabalhos relacionados a Deficiência Física. Com estes trabalhos elaboramos a nossa lista de produções científica sobre Deficiência Física, que totalizou 32 trabalhos.

Após, esta etapa, procuramos as versões digitais das teses e dissertações nos sites dos programas de pós-graduação das universidades. Conseguimos ter acesso a 21 trabalhos na versão digital, em 10 trabalhos tivemos acesso apenas ao resumo da obra, disponível no próprio banco de teses e dissertações da CAPES, e no caso específico de uma obra, o site da CAPES só disponibiliza informações básicas como: nome do autor, o título, ano de defesa, banca examinadora, nome da instituição, título, número de páginas e linha de pesquisa.

A etapa seguinte foi a realização da leitura dos resumos e quando necessário da metodologia, análise de dados, referencial teórico ou da conclusão das teses e

dissertações em versões digitais. E nas obras restantes lemos apenas o resumo disponível pelo banco de dados da Capes.

Após o reconhecimento das dissertações e teses pesquisadas, com auxílio de outras referências fizemos uma discussão sobre a quantidade e qualidade das pesquisas em Educação Física Especial, usando como recursos um notebook, e o acesso a Internet e publicações na área (revistas e livros especializados).

Este estudo analisou as teses de doutorado e dissertações de mestrado em Educação Física, defendidas no período de 1998 até 2009, este período justifica-se pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 9394/96 que traz em seu texto a normas para inserção da Educação Especial na Escola, a partir desta lei a Educação de pessoas com Deficiência recebeu um novo olhar, os programas de Pós-Graduação que começaram com turmas em 1996, formaram seus primeiros mestres a partir de 1998, e então, possivelmente, os programas de Pós-Graduação teriam algum trabalho realizado nesta perspectiva (dois anos para a defesa de dissertações de mestrado), acreditava-se que estes primeiros formandos já possuíam uma leitura suficientes sobre a LDB para se apropriarem dela nas discussões de suas produções científicas. Os programas de pós-graduação das seguintes instituições de ensino superior foram escolhidos:

TABELA 1: Instituições de ensino superior público que apresentam programas de pós-graduação em Educação Física reconhecidos pela CAPES

N.	UNIVERSIDADES	SIGLA
1	Universidade de São Paulo	USP
2	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC
3	Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/ Rio Claro	UNESP
4	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS
5	Universidade do Estado de Santa Catarina	UDESC
6	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG
7	Universidade Federal do Paraná	UFPR
8	Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP
9	Universidade de Brasília	UNB
10	Universidade Federal do Espírito Santo	UFES
11	Universidade Federal de Viçosa/MG	UFV
12	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ
13	Universidade Federal de Pelotas/RG	UFPEL
14	Fundação Universidade de Pernambuco	FESP/UPE
15	Universidade Estadual de Londrina/PR	UEL
16	Universidade Federal de São Carlos	UFSCar.

Este estudo justifica-se pela necessidade de se buscar informações sobre a quantidade e a qualidade da produção científica na área da Educação Física Especial que propicie reconhecer as características das pesquisas científicas em Educação Física Especial. Este estudo é mais uma tentativa de amenizar a escassez de bibliografia específica sobre Deficiência Física na Educação Física, esperamos que ele possa auxiliar outros pesquisadores que possuem o interesse por esta temática.

A estrutura inicial deste trabalho apresenta no capítulo 2 os conceitos de alguns termos relacionados à Educação Especial, um relato histórico das pessoas com deficiência no âmbito mundial e nacional. No capítulo 3 apresenta a finalidade da Educação Física na Escola de acordo algumas abordagens da Educação Física e alguns autores. E demonstra também o papel da Educação Física no processo de inclusão escolar. No capítulo 4 realizamos uma breve análise do cenário da Pós-Graduação em Educação Física com em revistas científicas.

No capítulo 5 apresentamos dados referentes à produção científica sobre Educação Física Especial nos programas de Pós-Graduação em Educação Física, e fazemos uma análise dessas produções científicas no período de 1998 até 2009. No capítulo 6 realizamos uma discussão, com os autores que serviram como referencial para averiguarmos a Pós-Graduação, e relacionamos com os indicadores encontrados em nossa pesquisa. No capítulo 7, apresentamos uma análise do estado atual da produção científica sobre Deficiência Física na Educação Física Escolar, e algumas esperanças para o futuro dessa área.

2 CONCEITOS E HISTÓRICOS

Este capítulo relata alguns conceitos importantes relacionados à Deficiência Física, Educação Especial Educação inclusiva e a nomenclatura que devemos utilizar ao nos referirmos as pessoas com Deficiência e apresenta o histórico das pessoas com Deficiência Física no Mundo e no Brasil, e algumas das principais instituições de atendimento aos deficientes físicos.

2.1 CONCEITOS, CLASSIFICAÇÕES E NOMENCLATURAS

De acordo com o Decreto N. 3.298 de 1999, em seu Artigo 4º no Inciso I, Deficiência Física é:

Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplégia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

Soler (2004, p. 42) considera alunos com Deficiência Física: “as pessoas com perda total ou parcial da capacidade motora ocasionada por acidentes diversos e/ou lesão cerebral”.

Soler (2004, p. 42) ainda classifica a Deficiência Física em cinco categorias:

1) Monoplegia: Paralisia em apenas um membro do corpo; 2) Hemiplegia: Paralisia total das funções de um dos lados do corpo; 3) Paraplegia: Paralisia da cintura para baixo comprometendo as funções das pernas. 4) Tetraplegia: Paralisia do pescoço para baixo comprometendo as funções dos braços e das pernas; 5) Amputação: Falta total ou parcial de um ou mais membros do corpo.

Mattos (1994 *apud* HUNGER, 2004) afirma que podemos dividir a Deficiência Física em: ortopédicas, neurológicas, congênitas, adquiridas, progressiva, permanentes, temporárias, agudas e crônicas.

Ele ainda relata os seguintes fatores que podem ocasionar a Deficiência Física:

a) Amputação – quando um indivíduo não apresenta um ou mais membros, podendo ser por uma causa congênita ou adquirida; b) Espinha bífida – quando um ou mais arcos vertebrais sofrem alterações em seus fechamentos; c) Nanismo – em muitos casos encontra-se a acondroplasia, que se caracteriza por ser uma doença cromossômica na qual há crescimento desproporcional entre cabeça, tronco e membros; d) Distrofia muscular – deterioração progressiva dos músculos esqueléticos voluntários, dificultando ou impedindo a realização da contração muscular; e) Osteogênese imperfeita – má-formação óssea ocasionando maior frequência de fraturas e deformidades no indivíduo; f) Artrite – inflamação articular, causando diminuição da função, podendo levar à imobilização em decorrência do excesso de dor; g) Lesões medulares – destruição de células da medula espinhal a partir de trauma, fratura vertebral, tumor e malformação arteriovenosa; h) Poliomielite – causada pela presença de um vírus alojado na medula que compromete as células motoras, deixando como seqüela a paralisia na região motora; e i) Paralisia Cerebral – lesão permanente no cérebro, que causa distúrbio no tônus muscular e nas funções motoras. Tais problemas podem ocorrer nos períodos: pré-natal, natal e pós-natal; em consequência da rubéola, do RH incompatível com o da mãe, da meningite etc. (MATTOS, 1994 *apud* HUNGER, 2004, p. 91)

Sasaki (2003) afirma que existe uma tendência de adotar a nomenclatura **Pessoas com Deficiência** no lugar de termo como “portador de deficiência, pessoa portadora de deficiência ou portador de necessidades especiais”. Algumas das justificativas para uso do termo “pessoas com deficiência” são as seguintes:

1 As pessoas com deficiência não querem esconder ou camuflar a sua deficiência; 2 As pessoas com deficiência não querem ser consoladas com a idéia de que todo mundo tem uma deficiência; 3 Mostrar a realidade da deficiência com dignidade; 4 As diferenças e necessidades que originam na deficiência devem ser valorizadas; 5 Opor-se ao eufemismo² em relação ao tratamento das pessoas com deficiência; 6 Preservar a igualdade de direitos e dignidade, proporcionado a equiparação de oportunidade entre as pessoas com deficiência e as demais pessoas; 7 Verificar nas diferenças existentes, os direitos que pertencem às pessoas com deficiência, de maneira que contribua para ações do Estado e da Sociedade eliminar ou minimizar as lacunas existentes para a inclusão. (SASSAKI, 2003, p. 5)

Soler (2005, p. 51), afirma que Educação Especial é:

Processo de desenvolvimento global das potencialidades de pessoas portadoras de deficiências, de condutas típicas e de altas habilidades e que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Fundamenta-se em referências teóricas e práticas, compatíveis com as necessidades específicas de seu alunado. O processo deve ser integral, fluindo desde a

² Ato de suavizar a expressão numa idéia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida. Dicionário Aurélio. Versão eletrônica/ Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0

estimulação essencial até os graus superiores do ensino. Sob o enfoque sistêmico, a educação especial integra o sistema Educacional vigente, identificando-se com sua finalidade, que é a de formar cidadãos conscientes e participativos.

Educação Especial é uma modalidade de ensino criada para atender um certo grupo, mas, de um maneira ainda “segregada”, já que as crianças vão para uma sala especial longe da classe regular de ensino e lá professores especializados têm que se desdobrarem em várias matérias para auxiliarem a criança a realizar as tarefas repassadas pelo professor da sala de aula, a escola criou um espaço específico para preparar o aluno para se “integrar” a escola. Mas, verifica-se que esta modalidade não trouxe muitos benefícios aos alunos, já que a escola não se modificou para receber o aluno, e sim o aluno é que teria que se modificar para fazer parte do ensino regular. Não queremos dizer as salas de atendimento especial não são importantes, elas têm sim uma relevância principalmente para aqueles alunos com limitações mais acentuadas, mas, além da classe especial a escola toda deve se preparar para receber os alunos com deficiência.

Em relação à Educação Inclusiva Soler, (2005, p. 53), afirma que:

Por Educação Inclusiva se entende não só a o processo de inclusão dos Portadores de Necessidades Especiais ou de distúrbios de aprendizagem da Rede Comum de Ensino em todos os seus graus, mas fundamentalmente de todas as diferenças, pois é fato que cada ser humano é uno, e as oportunidades devem ser iguais para todos. A primeira escola de todas as pessoas deve ser a escola regular.

O termo Educação Inclusiva abrange o processo de inclusão de pessoas com deficiência, de crianças com dificuldades de aprendizagem, idosos, mulheres e etc. A educação inclusiva deve abranger todos/as os/as alunos/as e suas diferenças, contribuindo para inserção de um maior número possível de pessoas no sistema educacional. Ela deve estabelecer novas formas de avaliação, estabelecimento de novos métodos de ensino, parceria com os pais, formação continuada dos professores e etc.

2.2 CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO MUNDO

Nos povos antigos os deficientes físicos eram geralmente abandonados em locais castigados pela natureza e “a morte se dava por inanição ou por ataque de animais ferozes” (CARMO, 1991, p. 21).

Silva (1987, *apud* CARMO 1991) relata que no sul do Sudão e Congo, existia uma tribo chamada de Azande, nesta tribo as pessoas que possuam dedos a mais nas mãos ou pés eram consideradas comuns e eles se orgulhavam de tê-los entre eles. Isto porque eles - apesar de terem a crença na feitiçaria - não relacionavam a deficiência física com algo sobrenatural.

Na Tanzânia existia uma tribo que acreditava “que os maus espíritos habitavam essas pessoas e nelas arquitetavam e se deliciavam para tornar possível a todos os demais membros a normalidade”, (CARMO, 1991, p. 22)

A tribo dos Esquimós do Canadá entre o século XVII e XVIII deslocava os deficientes para servir de alimento em locais com grande número de ursos brancos, estes animais por serem considerados sagrados, deviam ser mantidos sempre bem alimentados, o que contribuía para o bom estado da pele dos ursos, proporcionado depois de mortos um ótimo agasalho para o resto da população. (CARMO, 1991).

Na Bolívia os índios Ajores eram nômades e as crianças deficientes recém nascidas eram mortas, os que ficavam deficientes depois de adultos eram enterrados vivos com ou sem o seu consentimento. O código de Hamurai, que é uma coleção de Leis. Indica a amputação como meio de punição aos escravos, criminosos e traidores. Sendo uma pratica comum entre os povos antigos e mesmo entre povos do presente século. (CARMO, 1991).

Segundo Carmo (1991), na idade média as pessoas com deficiência eram consideradas como bruxas, possuidoras de poderes especiais, oriundas dos demônios. Por esses motivos eram mortas. Outros fatores ainda contribuía para essa visão misteriosa, diabólica e vexatória em relação às pessoas deficientes. Como por exemplo: pouco conhecimento sobre as causas das doenças, a educação era exclusivista ao extremo, medo do que era desconhecido e do que ficava além do limite do conhecimento humano. O Renascimento que vai desde o fim da segunda metade do século XIV até o final do século XVI, contribuiu com um novo olhar da sociedade em relação às pessoas com deficiência.

Até o século XVIII, a deficiência estava relacionada com o misticismo e ocultismo, o que contribuiu para exclusão, marginalização e preconceito em relação às pessoas com deficiência. Mazzotta (2005), afirma que pelo fato da sociedade ver as pessoas com deficiência como “incapacitados” ou inválidos, contribuiu para a omissão em relação á sistematização da disponibilidade de serviços públicos voltados para as pessoas com deficiência.

Somente com avanço da sociedade em relação a valores, crenças, políticas e conhecimentos é que surgiram líderes deficientes ou não que iniciaram uma discussão sobre a Educação Especial, este movimento surgiu principalmente na Europa e se expandiu aos Estados Unidos, Brasil e outros países. (MAZZOTTA, 2005).

De acordo com Mazzotta (2005), Em 1620 foi escrita a obra intitulada *Redação das Letras e Arte de Ensinar os Mudos a Falar* de Jean-Paul Bonet. Em 1770 o abade Charles M. Eppée fundou em Paris a primeira instituição especializada em educação para Surdos-Mudos. Em 1784 Valentin Haüy fundou em Paris o Instituto Nacional dos Jovens Cegos. Em Munique, na Alemanha foi fundada uma instituição Educacional para as pessoas com deficiência física.

A criação de instituições de ensino denominadas escolas residenciais, não foram consideradas adequadas para deficientes mentais, foi então que nos Estados Unidos por volta de 1850 a 1920 se implantou programas externos. Em 1940 ocorreu á fundação da *New York State Cerebral Palsy Association*, que era uma associação arrecadava dinheiro para pesquisas com crianças com paralisia cerebral e a fundação de centros de tratamentos que estimularam criação de uma nova legislação, que pudesse disponibilizar recursos para tratamento, treinamento profissional e pesquisa. (MAZZOTTA, 2005).

Soler (2005) afirma que quando os pais destas crianças começaram a se organizar, reivindicar e lutar pelos interesses de seus filhos - assim como houve o surgimento da associação para pessoas com paralisia cerebral - eles conseguiram em 1950 organizar a *National Association for Retarded Children* (NARC), que influenciou a criação no Brasil da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Em 1971 foram proclamados “os direitos das pessoas mentalmente retardadas” que ocorreu na “Assembléia Geral das Nações Unidas” e em 1975 a

ONU criou a “Declaração dos Direitos do Deficiente”. Através da Resolução N. 3.447, de 9 de dezembro de 1975. (CARMO, 1991).

A ONU com sua resolução número 45 propôs que até o ano de 2010 houvesse a criação de uma sociedade para todos.

Em 1994 é realizada a Conferência Mundial Sobre Educação para Necessidades Especiais. E no mesmo ano na Espanha ocorre a Declaração de Salamanca, promovendo a Educação para todos, logo a idéia de inclusão escolar toma força e avança em diversas partes do mundo. (SOLER, 2005).

Com a nova LDB N. 9.394/96 a Educação Especial ganha mais espaço, o Capítulo V afirma que ela deve ocorrer de preferência no ensino regular. Desta forma, proporcionando assim uma nova visão/missão para aqueles que participam do sistema educacional. (SOLER, 2005).

Soler (2005, p. 57), afirma que:

Qualquer pessoa, de uma hora para outra, pode se tornar ‘deficiente’, e não é sensato imaginar que ‘apenas’ por isso deixará de ter direitos, como ir e vir a qualquer lugar que quiser; estudar; ter lazer; trabalhar; freqüentar os mais variados ambientes etc.

Diante desta afirmação vale ressaltar que é de fundamental importância que a sociedade e principalmente a escola se adapte para receber as pessoas com deficiência, apesar de possuírem limitações elas são pessoas com direitos e deveres.

2.3 CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

No Brasil durante o período colonial historiadores afirmam que raramente eram encontrados índios com algum tipo de deficiência, em algumas tribos as crianças deficientes recém nascidas eram mortas, as deficiências encontradas entre os índios eram originárias de amputações ocasionadas por conflitos ou acidentes nas florestas. Por motivo de doenças como a “beribéri” eram encontradas pessoas deficientes, na grande maioria de origem branca. (CARMO, 1991).

Soler (2005) divide em dois períodos a Educação Especial no Brasil, denominados: Paradigma da Institucionalização, paradigma da Normalização.

A época da institucionalização ocorreu no período do império, as pessoas com deficiência eram vistas com “incuráveis”, portanto criou-se a idéia de “marginalizar”³ o deficiente, com criação de instituições específicas para cada tipo de deficiência, que eram voltadas para fins exclusivamente educacionais. Que é caracterizado pela criação do Imperial Instituto para Meninos Cegos, por Dom Pedro II. (SOLER, 2005).

Mazzotta (2005) em seu estudo dividiu a história da Educação Especial em dois períodos o 1º de 1854 a 1956 em que as medidas tomadas em relação às pessoas com deficiência eram oficiais e particulares. O 2º período que vai de 1957 a 1993 é voltado para o sistema educacional.

O 1º período caracterizado por Mazzotta (2005) é marcado pelo início do atendimento a pessoas com deficiência, que ocorreu em 1854, através da fundação do instituto imperial para cegos, por Dom Pedro II. Em Maio de 1890 o instituto teve o seu nome mudado, no governo de Marechal Deodoro da Fonseca, para instituto Nacional dos cegos. E em Janeiro de 1891 tornou-se o Instituto Benjamin Constant (IBC) em homenagem ao professor Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Em 1857, ainda no governo de Dom Pedro II, foi criado o no Rio de Janeiro o Instituto dos Surdos-Mudos. Que em 1957 passou a ser chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Esta entidade tinha como característica marcante o ensino profissionalizante e proposta de educação literária para garotos surdos. (MAZZOTTA, 2005).

Sucow (1986 *apud* MAZZOTTA, 2005) relata que ambos os institutos passaram a proporcionar aos seus membros. Oficinas de tipografia e encadernação para os deficientes visuais do sexo masculino e para as meninas oficinas de tricô. Para os meninos surdos foram ofertadas oficinas de douração, pautação, sapataria e encadernação.

Com a criação desses institutos a Educação de pessoas com deficiência no Brasil começa a passos lentos a sua jornada. Em 1883, ocorreu o 1º Congresso de Instrução Pública, realizado pelo Governo Federal que tinha como um dos temas de discussão “A sugestão de currículo e formação de professores para cegos e surdos”. Tanto o IBC quanto INES possuíam um grande prestígio pelo trabalho realizado por

³ Eu me refiro a isolar a pessoa com deficiência, não dando a oportunidade de maior convívio social.

eles o que proporcionava uma ajuda financeira significativa do Governo Federal. (MAZZOTTA, 2005).

Na Bahia em 1874 o Hospital Estadual de Salvador que depois passou a ser chamado de Hospital Juliano Moreira iniciou suas atividades com objetivo de prestar assistência aos deficientes mentais. Mazzotta (2005) afirma que há poucas informações que pudessem contribuir para caracterizar esse atendimento como educacional. Podemos verificar através destes dados, iniciativas em relação ao atendimento médico-pedagógico e pedagógico.

No que refere a produção de trabalhos científicos e pesquisas com pessoas com deficiência o Dr. Carlos Eiras, foi um dos pioneiros a trabalhar com esta temática, escrevendo sua monografia *Da Educação e Tratamento Médico-Pedagógico de Idiotas* apresentando o seu trabalho no 4º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia que acontecem no Rio de Janeiro em 1900. (Mazzotta, 2005)

De acordo com Mazzotta (2005) foram publicados trabalhos como *A Educação da Infância Anormal da Inteligência no Brasil* de Clementino Quaglio em São Paulo, *Tratamento e Educação das Crianças Anormais da Inteligência* e *A Educação da Infância Anormal e das Mentalmente Atrasadas na América Latina*. de autoria de Basílio Magalhães no Rio de Janeiro. Também tivemos o livro do Professor Norberto de Souza Pinto em Campinas denominado *Infância Retardada*, na década de 20, marcando desta forma o início do século XX pelo surgimento da pesquisa em relação a pessoas com Deficiência.

No início do século XX a economia brasileira passava uma mudança de agro-exportação para a industrial. O que exigia pessoas saudáveis e com “corpos perfeitos” para o trabalho, desta os deficientes físicos eram excluídas do mercado de trabalho. E a Educação Física iria contribuir para o ideal da busca pela “raça perfeita”. (CARMO, 1991).

Em 1974 houve a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) antes deste período citado e até a década de 80, não houve uma preocupação efetivo do Estado Brasileiro em garantir o direito de igualdade era pregado na constituição daquela época. (CARMO, 1991).

A legislação brasileira tratava de maneira muito superficial a situação dos deficientes, como afirma Carmo (1991): “Portaria Ministerial N. 13, de 1º de fevereiro de 1938, combinada com o Decreto N. 21.241/38, Art. 27 letra b, item 10”, que

estabelece que os “inválidos”, aqueles que comprovarem não ter plenas condições de saúde para participarem da aula de Educação Física, estão dispensados.

O período da normalização denominado por Soler (2005) ocorreu entre 1950 e 1970, esta fase pregava que a pessoa com deficiência deveria ser estudada por áreas de conhecimentos diferentes e ser modificados e normalizados, criticando assim a institucionalização do indivíduo. Só a partir da década de 1970 que o Governo Federal inicia a sistematização da Educação Especial.

Na LDB N. 4.024 de 1961 verificamos a menção da Educação Especial, afirmando que a Educação de pessoas com deficiência deve quando for possível estar presente no sistema nacional de Educação. (SOLER, 2005).

Somente com a declaração da ONU, que proclamou o ano de 1981, como o ano das pessoas com deficiência, em que os países membros da ONU foram instigados a investir mais no processo de inclusão dos deficientes, principalmente países como Brasil que ainda não tinham avançado tanto em pesquisas, tratamentos e reabilitação de pessoas com deficiência, como outros países denominados de primeiro mundo como Canadá ou Estados Unidos e etc. (CARMO, 1991)

O governo federal criou a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação na década de 1980, e em 1989, ela foi transferida para o Ministério da Ação Social. A Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) ficou com a responsabilidade da elaboração de políticas públicas que estimulassem a integração da pessoa com deficiência, defendendo os direitos e promovendo a cidadania, por ter ficado como um órgão do Departamento de Promoção dos Direitos Humanos da Secretaria dos Direitos Humanos. (SOLER, 2005).

Somente a partir dos anos 90, é que com avanço as pesquisas em outros países é o Brasil deixou de investir em escolas especializadas e promover condições para que pessoas com deficiência pudessem se relacionar com outras diferenças. (SOLER, 2005).

2.4 INSTITUIÇÕES PARA OS DEFICIENTES FÍSICOS

Até 1950 havia 40 entidades educacionais que atendiam de alguma forma os deficientes mentais e 14 institutos de ensino regular que atendiam outros tipos de deficiência. Também existiam 3 instituições especializadas no atendimento de deficientes mentais e outras 8 para as demais deficiências. (MAZZOTTA, 2005).

No que diz respeito aos deficientes físicos podemos destacar 3 estabelecimentos: 1) Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, 2) Lar-Escola São Francisco (LESF) e 3) Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD).

Conforme Mazzotta (2005), a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo foi uma das primeiras instituições com objetivo de atender de forma especializada os deficientes físicos – não sensoriais – com intuits educacionais suas atividades iniciaram em 1931. Em 1932 foi criada a Escola Mista do Pavilhão Fernandinho com uma classe especial. E em 1948 foi criada a 3ª classe especial. Estas classes funcionavam com objetivos educacionais e hospitalares, o aluno era atendido de forma individual pelo professor.

O Lar-Escola São Francisco começou suas atividades em 1943, sendo uma instituição de caráter especializado em reabilitação de deficientes físicos. A partir de 1950 passou a fazer parte da *International Society for Rehabilitation of Disabled*. Em 1958 Maria Hecilda Campos Salgado que foi a fundadora e diretora do Lar-Escola São Francisco foi para os Estados Unidos e Canadá estagiando em instituições de reabilitação e realizando um curso de reabilitação na Universidade de Minnesota. O Lar-Escola São Francisco em seu início tinha seus professores mantidos pela secretaria de Educação de São Paulo, a partir de 1964 o LESF passou a ser Instituto de Reabilitação da Escola Paulista de Medicina. (MAZZOTTA, 2005).

O autor anteriormente citado relata que a Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD) iniciou suas atividades como instituição privada para atender deficientes físicos não-sensoriais em especial com paralisia cerebral ou com problemas ortopédicos em 1950. Recebendo ajuda para sua manutenção de outras instituições privadas ou públicas, nacionais ou internacionais. Mantendo um importante intercâmbio com o *World Rehabilitation Fund* (WRF) que veio contribuir para aperfeiçoamento de seus funcionários e dos equipamentos utilizados para reabilitação.

A AACD através de convênios com o Estado e a Prefeitura de São Paulo ajuda na reabilitação de alunos da rede pública de ensino, e mantém um setor

escolar que auxilia os pacientes em idade escolar. Esta instituição é umas das mais respeitadas e conhecidas do nosso país. (MAZZOTTA, 2005).

3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Este capítulo expressa o papel da Educação Física Escolar de acordo com algumas abordagens e autores da Educação Física; apresenta o que seria Educação Física Inclusiva no processo de inclusão no sistema educacional.

3.1 A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física enquanto componente curricular da escola vem encontrando algumas dificuldades em conseguir concretizar seu espaço e valorização na escola. É verdade que seu passado histórico ligado ao militarismo e a idéia de se educar o corpo ao invés de educar o indivíduo acabaram contribuindo para a desvalorização da Educação Física, contribuindo para a substituição por escolinhas de esporte e a redução de sua carga horária e em alguns casos a extinção desta matéria nas escolas. Além de sua importância para a escola queremos destacar a importância que ela tem para o desenvolvimento psicológico, social, afetivo e motor das crianças.

Neira (2009, s/p) diz: “as aulas de esporte, jogos, lutas e danças não se esgotam na prática. É preciso refletir sobre essas manifestações para entendê-las de fato.” A fala do professor nos chamou bastante atenção pois, o que acontece na maioria das escolas é justamente o jogo pelo jogo nas aulas de Educação Física. É preciso que os professores que estão em atividade participem desse processo de mudança. Outra fala que nos chama atenção é quando o professor Neira (2009, s/p) diz: “a escola não serve para formar atletas, mas para refletir e entender as manifestações culturais que envolvem o movimento.” É necessário que os pais e a sociedade como um todo descubram a importância da Educação Física, que com certeza não é formar atletas, já que a chance de encontrarmos outro Ronaldo é de uma em 10 milhões.

A Educação Física nas escolas do Brasil foi implantada com o objetivo de tornar os alunos mais fortes e saudáveis, ao refletirmos sobre o caminho percorrido pela Educação Física em nosso país, pode-se perceber que ela foi usada pela elite como

instrumento repressor, ainda hoje podemos observar “Professores” nas escolas trabalhando com conteúdos com excesso de exercícios corporais, a busca pela técnica exagerada e pela competição de alto nível, esses aspectos acabam influenciando parte da sociedade a ter uma visão distorcida do que seria a Disciplina Escolar Educação Física, e contribui para a desvalorização de nossa área.

As aulas de Educação Física não são levadas com seriedade por alguns alunos quando se comparada com outras matérias, devido o seu passado. Kolyniak, (2000 *apud* LORENZ, TIBEAU, 2003) relata em seu estudo que a Educação Física mesmo sendo uma disciplina escolar obrigatória é vista por muitos alunos e pais como uma mera atividade.

Kunz (1994, p. 28) afirma que:

Fica evidente que para esta compreensão do esporte, os alunos devem ser instrumentalizados para além de capacidades e conhecimentos que lhes possibilitem apenas praticar o esporte. Nesse sentido, é de mais alta importância, sem dúvida, a competência comunicativa que lhes possibilita a comunicação, não apenas sobre o mundo dos esportes, mas para todo o seu relacionamento com o mundo social, político, econômico e cultural.

Em nossas experiências nos estágios em Educação Física Escolar, podemos perceber que ainda hoje, em algumas escolas a aula de Educação Física se resume apenas a várias crianças correndo com uma bola, isso quando elas têm uma bola para jogar.

Kunz (1994) nos faz refletir sobre a necessidade de nossos alunos refletirem sobre a sua “cultura do movimento”. É necessário que o professor use a comunicação com os seus alunos e os ajude a refletir sobre o que estão praticando na quadra da escola. O aluno deve aprender o conteúdo e relacionar com o seu cotidiano. É necessário que a Educação Física saia da quadra da escola, e contribua para a vida social do aluno.

O aluno deve refletir, por exemplo: por que o futebol é o esporte mais praticado no Brasil? Qual o motivo do futebol feminino no Brasil ser tão “largado” enquanto o masculino ganha milhões e milhões de dólares? No que o futebol e suas regras podem me ajudar na vida fora da escola?

O professor de Educação Física deve buscar isso com os seus alunos, assim, os alunos entenderão que a Educação Física não é apenas para correr como um desesperado na quadra, desse modo tanto os alunos, pais e toda a escola vai poder reconhecer que a Educação Física escolar é de grande relevância para formação

social do aluno e pode contribuir e muito para o crescimento da escola e da sociedade.

Lorenz e Tibeau (2003, p. 3) afirmam que:

Se nossos alunos necessitam apenas de uma bola na quadra, e com ela, jogar os quatro esportes tradicionais (vôlei, futebol, Basquete e handebol) e nada mais, para quê freqüentarmos tanto tempo uma instituição de ensino superior específica na área? É uma incoerência saber que possuímos tanto conhecimento para transmitirmos e ao mesmo tempo, não somos capazes de elaborar um plano de aula que atenda às necessidades de nossos alunos.

É interessante quando entramos na universidade, no 1º dia de aula temos uma visão do que é Educação Física e com o passar dos semestres vamos estudando o nosso pensamento sobre - o que é Educação Física? - Vai mudando e nada do que pensávamos ser a Educação Física de fato é. Contudo, infelizmente alguns acadêmicos entram e saem da universidade como se não estivessem cursado um nível superior.

E como consequência, na escola observa-se que muitos professores continuam dando a bola para os alunos e indo sentar no banco ao lado da quadra, Lorenz e Tibeau (2003) em seu estudo mostram essa situação e afirmam que não faz sentido estudarmos quadro anos na universidade para apenas darmos uma bola aos nossos alunos e deixá-los correndo na quadra.

Na nossa graduação passamos por várias disciplinas que servem como referencial e base para nosso conhecimento, que ao concluirmos o curso deveríamos buscar aprofundá-las e usá-las para planejarmos uma boa aula para os nossos alunos.

Quando não planejamos o nosso trabalho, causamos uma má impressão nos pais e no restante da escola, permitimos que as pessoas pensem que a Educação Física não tem o que ensinar, ocasionando uma desvalorização da Educação Física no ambiente escolar.

Em relação à Educação Física abordagem Crítico-Superadora destaca-se que:

A Expectativa de Educação Física escolar tem como objetivo a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classes das camadas populares, na medida em que se desenvolve uma reflexão pedagógica sobre os valores como solidariedade substituindo o individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição confrontando com a apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de

expressão dos movimentos - a emancipação - negando a dominação e submissão do homem pelo homem. (SOARES *et al*, 1992, p. 40)

A Educação Física Escolar de acordo com Soares *et al* (1992) deve fazer o aluno a refletir sobre a sua prática corporal, e não somente repetir o movimento pelo movimento, mas, sim entender o movimento e tudo o que o cerca. E mais ainda, é necessário o ensino de valores, de princípios que possam ser ensinados aos alunos, e eles devem absorver esses valores e levarem para o meio em que vivem.

Valores como a importância do coletivo em vez do individual, já que nesse mundo o que é levado mais em consideração são os desejos egoístas e esquecimento das pessoas que vivem ao seu redor e para você ter sucesso na vida é necessário que pise nas pessoas e nas normas da sociedade, sem se importar com as consequências. Deve-se mostrar o valor de cooperação, da ajuda mútua que deve existir para alcançar um objetivo, assim como nos esportes coletivos, fazer o aluno refletir sobre a necessidade e importância de se viver em grupo.

Sobretudo, valorizando a capacidade de expressão de cada aluno, onde seus movimentos devem ser livres, não havendo a imposição de uns pelos outros. Cada aluno deve ficar livre para criar e recriar sem se preocupar com técnicas corretas para executar o movimento.

Para Soares *et al* (1992) a Educação Física na escola deve ser entendida com uma prática pedagógica tratando de conhecimentos que fazem parte da cultura corporal.

A Educação Física Escolar do ensino fundamental no 3º e 4º ciclo de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) deve ser norteada pelos princípios inclusão e da diversidade. Os conteúdos devem divididos em três categorias: conceitual, procedimental e atitudinal. (BRASIL, 1998).

No princípio da inclusão a meta deve ser inclusão do aluno na cultura corporal de movimento pelo processo de ensino-aprendizagem (objetivos, conteúdos, avaliação e etc.) oportunizando a participação e reflexão de maneira sólida e efetiva. Já o princípio da diversidade se refere à busca por ampliação das possibilidades de conhecimentos relacionadas à cultura corporal de movimento. (BRASIL, 1998).

Os conteúdos conceituais se referem, por exemplo, aos conhecimentos históricos de uma modalidade, os procedimentais tratam da prática em si dessa modalidade, e o atitudinal dos valores princípios de conhecimentos que estão por trás dessa prática. (BRASIL, 1998).

O PCN tem como base as seguintes abordagens: psicomotora, construtivista, desenvolvimentista e críticas que proporcionaram uma dilatação da discussão nas dimensões da psicologia, sociologia, cognição, afetividade e política. (BRASIL, 1998).

3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

Em relação a Educação Física sabemos que desde o seu período Higienista e depois no período Militar pregava que somente quem poderia praticar atividades físicas seriam aqueles que tivessem o “corpo perfeito”. Esta idéia se perpetuou por longos anos da história da Educação Física Escolar brasileira, e ainda, hoje, infelizmente existem pessoas que acreditam neste pensamento (CARMO, 1991).

Como já foi mencionado, a inclusão vai além da integração. A integração de acordo com Soler (2005, p. 89) consiste basicamente em:

- a) Pedidos de concessões ao sistema; b) Mudanças que tem por prioridade pessoas com deficiências; c) Inserção parcial e condicional no sistema regular de ensino, o aluno deverá ser preparado em uma escola especial para posteriormente entrar no ensino regular; d) Uma visão tendenciosa homogênea em relação às pessoas com deficiência como, por exemplo: os surdos se concentram melhor e etc.; e) Incentiva as pessoas com deficiência a seguir os modelos da sociedade, os indivíduos sem deficiência seriam rodeados pelas pessoas que apresentam diferenças.

Soler (2005) afirma ainda que, em detrimento da integração e a Educação Física e a escola deveria se apropriar da inclusiva:

- a) Exige rupturas nos sistemas para atender as pessoas com deficiência;
- b) Os benefícios da mudança devem abranger todas as pessoas e não somente os deficientes, todos devem ganhar;
- c) A inserção no ensino regular deve ser total e incondicional;
- d) A individualidade da pessoa com deficiência é valorizada;
- e) O pensamento de que todos nós somos diferentes um do outro não existe “anormal” ou o “excepcional”.

Logo a escola e a Educação Física deve se adequar para receber o/a aluno/a com deficiência sabemos que isto é trabalho árduo, pois, não depende só do professor em sala de aula, mas, de todo o sistema até chegar ao/a aluno/a. Vai

deste as políticas públicas criadas pelo Estado, especialmente as que se referem à Educação, reformas arquitetônicas nas escolas, conscientização da turma que irá receber o aluno com deficiência, a capacitação dos professores, técnicos e funcionários para receber a demanda de pessoas com deficiência.

Em relação ao professor de Educação Física, Soler (2005, p. 107) afirma que:

O papel do professor de Educação Física na Inclusão, como em qualquer outra modalidade de ensino, é o de criar desequilíbrios, apresentado a seu aluno, o novo e o desconhecido, pois diante do desafio, a criança tende a assimilar o conhecimento, utilizando os recursos motores e mentais que possui.

Soler ao se referir a provocar desequilíbrios está querendo dizer que o/a professor/a de Educação Física é o/a mediador/a entre o conhecimento e o/a aluno/a, o professor deve fazer o/a aluno/a refletir sobre o que faz e não somente fazer, aproveitando o conhecimento que o/a aluno/a já traz e aos poucos reconstruindo através dos conteúdos da Educação Física como o esporte, jogos, lutas, ginástica, dança e etc.

O PCN de Educação Física do 3º e 4º ciclos afirma que:

Por desconhecimento, receio ou mesmo preconceito, a maioria dos portadores de necessidades especiais tendem a ser excluídos das aulas de Educação Física. A participação nessa aula pode trazer muitos benefícios a essas crianças, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades perceptivas, afetivas, de integração e inserção social, que levam este aluno a uma maior condição de consciência, em busca da sua futura independência. (1998, p. 56).

O PCN alerta que apesar de existir especialização no Brasil na área de Educação Física, que contribui para a formação do professor, é necessário que haja uma equipe de profissionais da área da saúde que possa contribuir para a participação do aluno com deficiência na aula de Educação Física. As atividades desenvolvidas nas aulas devem ser adaptadas para atender os alunos é necessário tomar cuidado no que diz respeito ao relacionamento dos outros alunos com as crianças deficientes. O PCN em seu texto sobre os alunos com deficiência nas aulas de Educação Física mostra uma preocupação em evitar acidentes que possam prejudicar o aluno. (BRASIL, 1998).

4 PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA BREVE ANÁLISE

Este capítulo apresenta um breve resumo da Pós-Graduação em Educação Física de acordo alguns publicações voltadas a Pós-Graduação e a Educação Física Especial.

Neto (2004) procurou em seu estudo fazer uma reflexão sobre a produção do conhecimento e sua complexidade em relação à Educação Física e Ciências do Esporte. Assim o referido autor afirma que:

As dissertações de mestrado e as teses de doutorado são o que se pode chamar de o produto mais original e demonstrativo da vitalidade, da organização e da identidade de um campo de conhecimento ou de uma comunidade investigadora. (NETO, 2004, p. 153).

Sua pesquisa baseou-se em uma revisão bibliográfica dos programas de pós-graduação em Educação Física, entre os anos 2000 e 2005, analisando as teses de doutorado de cinco instituições de ensino superior e as dissertações de mestrado em apenas um programa.

Relacionando as teses/dissertações com as temáticas utilizadas pelos Grupos de Trabalho Temáticos (GTT) dos CONBRACES⁴. Observou que de um total de 122 teses, 13 podem ser classificadas no grupo de trabalho denominado pelo CONBRACE de “portadores de deficiência”. Das cinco instituições de ensino superior (USP, UNICAMP, UNESP, UGF e UFRGS) pesquisadas, somente três desenvolveram a temática “portadores de deficiência.” Sendo 11 na Unicamp, 1 UGF e 1 UFRGS. (NETO, 2006, p.155)

O Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS foi escolhido para ter as suas dissertações de mestrado classificadas de acordo com os GTT do CONBRACE, de um total de 147 dissertações somente 12 foram classificadas no GTT denominado “portadores de deficiência”. (NETO, 2006, p.156).

Kokubun (2003) relata que desde a implantação da pós-graduação em Educação Física em 1977, ela vem crescendo rapidamente. Porém a pós-graduação em Educação Física enfrenta diversas dificuldades:

⁴ Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

Na educação física brasileira, a pós-graduação tem sido considerada primordialmente um meio para formação de recursos humanos para o magistério superior. Esta ênfase tem obscurecido o outro aspecto, talvez mais importante, da função da pós-graduação, que é o de capacitar recursos humanos qualificados para a produção de conhecimentos relevantes e inovadores para o desenvolvimento da área. (KOKUBUN, 2003, p. 11).

Percebe-se que a maioria dos mestres e doutores são professores em instituições de ensino superior, e devido à escassez de profissionais qualificados alguns se dedicam apenas em lecionar matérias nos cursos de graduação, deixando de lado o aperfeiçoamento da pesquisa e produção do conhecimento para o desenvolvimento da área.

Brandão (2000) pesquisou sobre a qualidade da produção científica em Educação Física, especificamente os artigos publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) na década de 1980 e 1990, o autor afirma que:

[...] constatação eminente que a área da Educação Física, apesar de sua grandeza numérica institucional, ainda se constitui num campo de conhecimento extremamente frágil, no que diz respeito, principalmente, aos seus pressupostos teóricos e científicos, mas também em relação a sua pretensa seriedade metodológica e intelectual. (GAYA, 1994 *apud* BRANDÃO, 2000, p. 106).

Apesar de Brandão ter expressado sua opinião baseado na obra de Gaya (1994), na área de Educação Física Especial a afirmação dele ainda é atual. Pois, em Educação Física Especial a produção científica precisa ser estimulada e aperfeiçoada principalmente na área escolar, em relação ao esporte adaptado o número de estudos é maior.

Tani (2000, p. 85) afirma que:

[...] os programas em funcionamento têm uma grande responsabilidade acadêmico-científica e social na formação de doutores devidamente capacitados para exercerem liderança científica na esfera de sua atuação. Deles depende, em grande parte, o futuro da Educação Física brasileira.

Logo, observa-se que os professores com especialização em Educação Especial, tem um papel fundamental na produção de conhecimento nesta área, e também no processo de inclusão social de pessoas com deficiência no âmbito escolar, já que em tese, eles seriam as pessoas com maior estudo nessa área.

De acordo com o autor anteriormente citado:

[...] os cursos de graduação, salvo raras exceções, oferecem uma formação eminentemente técnica em que o aprender a fazer predomina sobre o conhecer. Pouca informação em ciência é oferecida na maioria das

instituições. Enfatizar e estimular o uso do método científico para solucionar problemas é ainda uma orientação nada comum nos cursos de graduação. Portanto, o mestrado tem um importante papel a desempenhar na Educação Física. (TANI, 2000, p. 87).

Nesse sentido, o autor demonstra que a pós-graduação irá ajudar na capacitação dos docentes, já que apenas a graduação já não é mais suficiente para conter a quantidade de informações que temos acesso, na área de Educação Física Especial, mais ainda, já que a maioria dos cursos tem apenas uma matéria que trabalha com a temática de ensino-aprendizagem das pessoas com deficiência.

Oliveira (2003) relata que houve um aumento na produção científica na temática “deficiência” no CBCE, desde 1978 a 1999. O seu estudo deteve-se no papel desempenhado pelo CBCE, na Educação Física brasileira, já que para autora o CBCE é uma entidade representativa da produção científica em EF.

Oliveira (2003, p. 90), afirma que:

Os trabalhos publicados durante a década 1980 apresentam, em sua maioria, como característica o caráter terapêutico com objetivos voltados à *reabilitação*. É só mesmo no final dos anos 80/início de 1990 que aparece nos textos à idéia da integração, a questão dos processos pedagógicos, a preocupação com o conhecimento, a produção de conhecimento, a formação de professores.

A autora afirma que a preocupação na área da Educação Física escolar para pessoas com deficiência não era tão evidente, porque não havia obrigatoriedade da inserção de disciplinas nos cursos de formação de professores que tratasse sobre a temática de pessoas com deficiência. (OLIVEIRA, 2003, p. 91)

Acredita-se que com a LDB N. 9.394/96 que tornou obrigatório o ensino especial no sistema educacional, a discussão, sobre a inclusão de pessoas com deficiências, aumentou no âmbito da graduação e pós-graduação.

Oliveira (2005, p. 3) afirma que:

Há uma demanda grande de produção e intervenção dos profissionais de Educação Física em vários campos de atuação como: escola, clínicas de reabilitação e re-educação, organizações não governamentais (ONGS) como APAES e similares, no esporte adaptado e de rendimento, bem como, nos cursos de formação de professores. Esta inserção de profissionais trabalhando com a deficiência, e o aumento na produção científica representa uma preocupação concreta para com as temáticas que envolvem a pessoa deficiente e sua possibilidade de inclusão e aprendizagem na escola, no trabalho, no esporte, na cultura e no lazer, servindo de importante referencial para a elaboração de caminhos a serem trilhados. [...] pode-se notar que as discussões e estudos apresentados no GTT "Educação Física/Esporte e Pessoas Portadoras de Deficiência" [CONBRACE] se referem às possibilidades de integração do deficiente no

contexto da educação especial enquanto modalidade educacional, não contemplando ainda o aporte legal que legitima a inclusão sócio-educativa-cultural.

Ribeiro e Araújo (2004) dissertaram sobre a criação da disciplina Educação Física adaptada ou Atividade Motora Adaptada nos cursos de graduação em Educação Física a partir de 1990 com a reestruturação da matriz curricular dos cursos e a relação dessa disciplina com a evolução do esporte adaptado.

Atualmente se observa uma situação em que há um equilíbrio entre oferta e demanda, em relação ao mercado de trabalho, para o profissional de EF interessado em trabalhar com esporte adaptado. No entanto, deve-se reconhecer que nem sempre há uma identificação dos futuros profissionais com essa área de atuação, por motivos diversos. Neste momento, cabe dizer que uma causa provável seja ainda a dificuldade em se trabalhar com as diferenças, com o corpo não-perfeito, “incapaz” de atingir o rendimento que se está acostumado a atingir em situações de “normalidade”. Isso constitui, provavelmente, resquício de uma EF tecnicista, ou mesmo o fato de a formação de professor de EF ser realizada em cursos de graduação que, ainda, apresentam essa característica. (RIBEIRO; ARAÚJO, 2004, p. 66-67).

Ribeiro e Araújo (2004) afirmam que com a implantação de uma disciplina que aborda a temática “pessoas com deficiência”, houve a necessidade de especialistas nessa área, o que influenciou a implantação de linhas de pesquisas nessa área nos programas de pós-graduação, e como consequência alguns profissionais habilitados para trabalharem com o esporte adaptado, favorecendo o desenvolvimento do mesmo no Brasil e ampliando a abrangência no mundo do trabalho para aqueles que desejariam trabalhar com esporte adaptado.

Costa e Sousa (2004, p. 38) dizem:

[...] Ora, é evidente a total incompatibilidade nos objetivos traçados para cada uma, porém essa nova perspectiva, a inclusão, veio de certa forma questionar as práticas sociais existentes, entre elas as práticas realizadas pela educação física, principalmente na perspectiva escolar, que neste novo paradigma inclusivista, além de não se referir apenas aos deficientes, mas a todos os excluídos sociais, tem que trabalhar no mesmo espaço e tempo com as crianças que possuem as mais diferentes formas de habilidades, capacidades, comportamentos e história de vida.

A afirmação dos autores de que a Educação Física Adaptada⁵ foi construída de forma segregada da Educação Física Escolar, isso fica evidente ao fazermos uma breve revisão bibliográfica. Nota-se uma produção científica voltada ao esporte adaptado. O processo de inclusão na Educação Física vem fazer com que o

⁵ Conforme COSTA; SOUZA (2004)

professor/a possa refletir e contribuir para a transformação das práticas sociais, com respeito e cooperação entre os agentes envolvidos.

Diante disso, verificamos o processo de inclusão educacional previsto na LDB, ainda não é uma realidade. Acredita-se que um dos elementos que pode contribuir, para ajudar a modificar essa realidade é uma produção científica maior e de melhor qualidade na área de Educação Física Inclusiva. Não queremos dizer que esse elemento é determinante e que ele sozinho irá mudar a realidade, haja vista, a grande produção científica na área de Educação Física Escolar relacionadas a outras temáticas, que ainda não mudaram de maneira significativa a realidade. Mas, junto com outros fatores como a formação dos profissionais que se deparam com esse público, minimização dos preconceitos e das barreiras sociais e arquitetônicas que também precisam ser redimensionados é possível a modificação da realidade encontrada.

5 INDICADORES DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESPECIAL

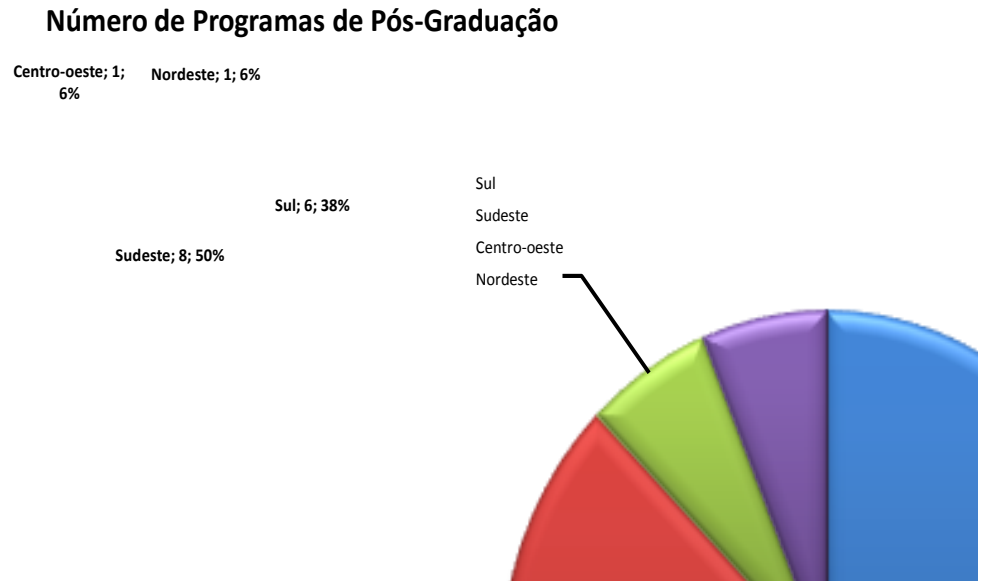
Inicialmente pesquisamos no site da CAPES os programas de pós-graduação em Educação Física, e encontramos 22 programas, selecionamos somente os programas de instituições públicas para uma primeira busca, totalizando 16 programas que foram pesquisados e classificados de acordo com o conceito da CAPES.

TABELA 2: Conceitos dos mestrados e doutorados em Educação Física

N.	NOME	SIGLA	MESTRADO /CONCEITO	DOCTORADO /CONCEITO
01	Universidade de São Paulo	USP	6	6
02	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	5	5
03	Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/ Rio Claro	UNESP	5	5
04	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	5	5
05	Universidade do Estado de Santa Catarina	UDESC	4	4
06	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	4	4
07	Universidade Federal do Paraná	UFPR	4	4
08	Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP	4	4
09	Universidade de Brasília	UNB	3	-
10	Universidade Federal do Espírito Santo	UFES	3	-
11	Universidade Federal de Viçosa/MG	UFV	3	-
12	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	3	-
13	Universidade Federal de Pelotas/RG	UFPEL	3	-
14	Fundação Universidade de Pernambuco	FESP/UPE	3	-
15	Universidade Estadual de Londrina/PR	UEL	3	-
16	Universidade Federal de São Carlos	UFSCar.	3	-

Destes programas pesquisados, o programa UFSCAR, FESP/ UPE, e da UFRJ até a data da coleta de dado (julho de 2010), ainda não disponibilizavam a lista de trabalhos defendidos para análise. E de acordo com informação do site da CAPES os programas da UFSCAR e UFRJ ainda não haviam sido homologados pelo Conselho Nacional Educação (CNE).

GRÁFICO 1: Distribuição dos programas por região

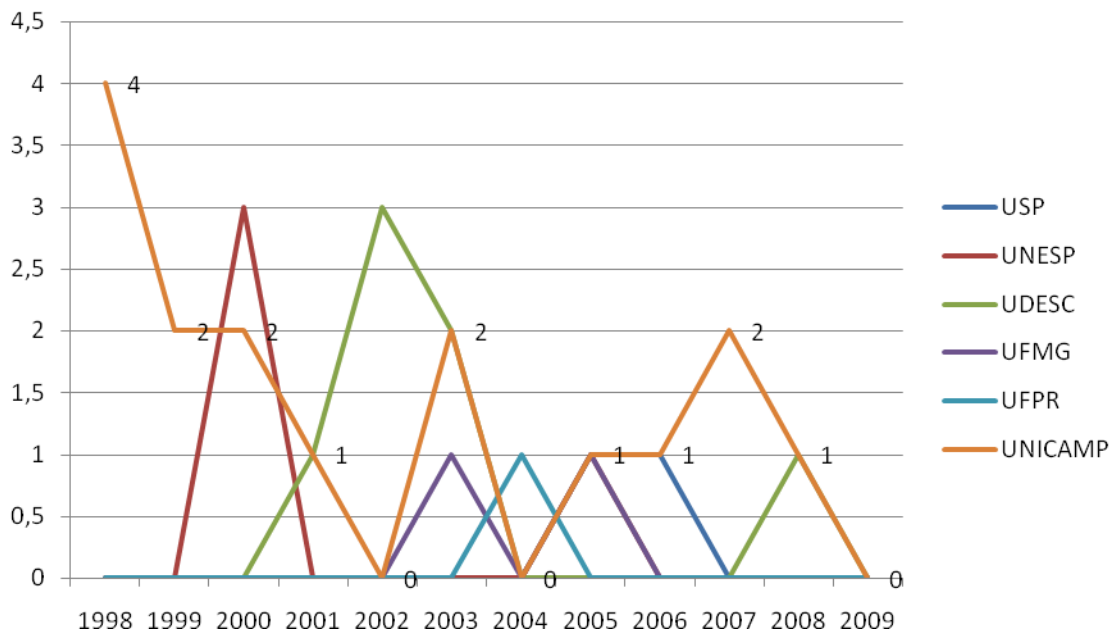


Os 16 programas de Pós-Graduação estão localizados em 4 regiões do país. Na região Nordeste encontramos somente 1 programa, que pertence a Fundação Universidade de Pernambuco/FESP/UPE. Na região Centro-Oeste Também encontramos apenas 1 programa, que pertence a Universidade de Brasília/UNB. A região Sul é a segunda região que mais possui programas, apresentado no total 6 programas das seguintes universidades: Universidade Estadual de Londrina-PR/UEL, Universidade Federal do Paraná/UFPR, Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e a Universidade Federal de Pelotas-RS/UFPEL. A região em que maior concentração de programas de Pós-Graduação em Educação Física é a região Sudeste com um total de 8 nas seguintes universidades: Universidade de São Paulo/USP, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho-Rio Claro/UNESP, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Universidade Federal de Viçosa-MG/UFV, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Universidade Federal de São Carlos/UFSCar.

Nesses 16 programas de pós-graduação encontramos 117 trabalhos distribuídos entre teses de doutorado e dissertações de mestrado com títulos voltados a pessoas com deficiência, trabalhos na área escolar, esporte e

reabilitação. Foram coletados 32 trabalhos que tratam sobre as causas da Deficiência Física, a reabilitação de deficientes físicos, desempenho dos deficientes em esportes e inclusão de deficientes físicos na sociedade.

GRÁFICO 2: O número de trabalhos sobre deficiência física



Podemos observar que o programa Educação Física/USP apresenta apenas 2 trabalhos, o programa Ciências da Motricidade/UNESP apresenta 4 pesquisas, o programa Ciências do Movimento Humano/UDESC apresenta 7 produções científicas, o programa Ciências do Esporte/UFMG apresenta 2 estudos, o programa Educação Física/UFPR apresenta 1 estudo e o programa Educação Física/UNICAMP apresenta o maior número de obras relacionados a pessoas com Deficiência Física totalizando 16 publicações.

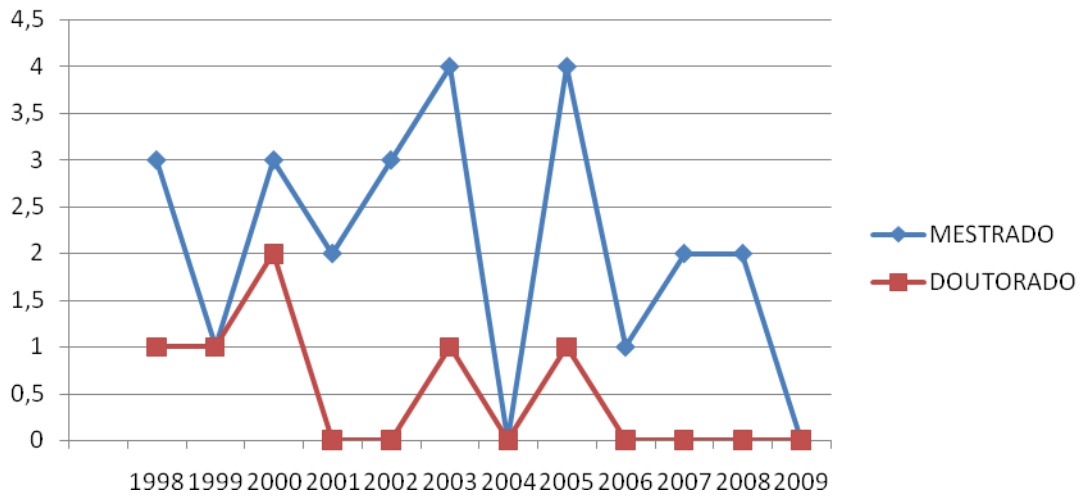
TABELA 3: Quantidade de defesas sobre deficiência física encontradas nos programas

PROGRAMA	MESTRADO	DOCTORADO
Educação Física/USP	1	1
Ciências da Motricidade/UNESP	3	0
Ciências do Movimento Humano/UDESC	7	0
Ciências do Esporte/UFMG	2	0
Educação Física/UFPR	1	0
Educação Física/UNICAMP	11	5
TOTAL	26	6

O programa de Educação Física da UNICAMP apresenta o maior número de dissertações de mestrado defendidas totalizando 11 defesas. Em segundo lugar temos o programa de Ciências do Movimento Humano da UDESC que apresenta 7 dissertações de mestrado. O programa Ciências da Motricidade da UNESP é terceiro colocado com 3 dissertações de mestrado. A quarta maior produção de mestrado pertence ao programa de Ciências do Esporte da UFMG. E por fim o Programa de Educação Física da UFPR e o programa de Educação Física da USP apresentam cada um, apenas uma defesa de mestrado.

Em relação às teses de doutorado constatamos a defesa de 6 produções científicas no total. O programa de Ciências do Movimento Humano da UDESC, Ciências da Motricidade da UNESP, Ciências do Esporte da UFMG, e o de Educação Física da UFPR, não apresentam nenhuma tese de doutorado sobre Deficiência Física. O programa de Educação Física da USP apresenta apenas uma tese e o programa de Educação Física da UNICAMP, assim como no mestrado, é o programa que mais apresenta produções científicas sobre deficientes físicos totalizando 5 teses de doutorado defendidas.

GRÁFICO 3: Mapeamento dos mestrados e doutorados sobre deficiência física no período de 1998 a 2009

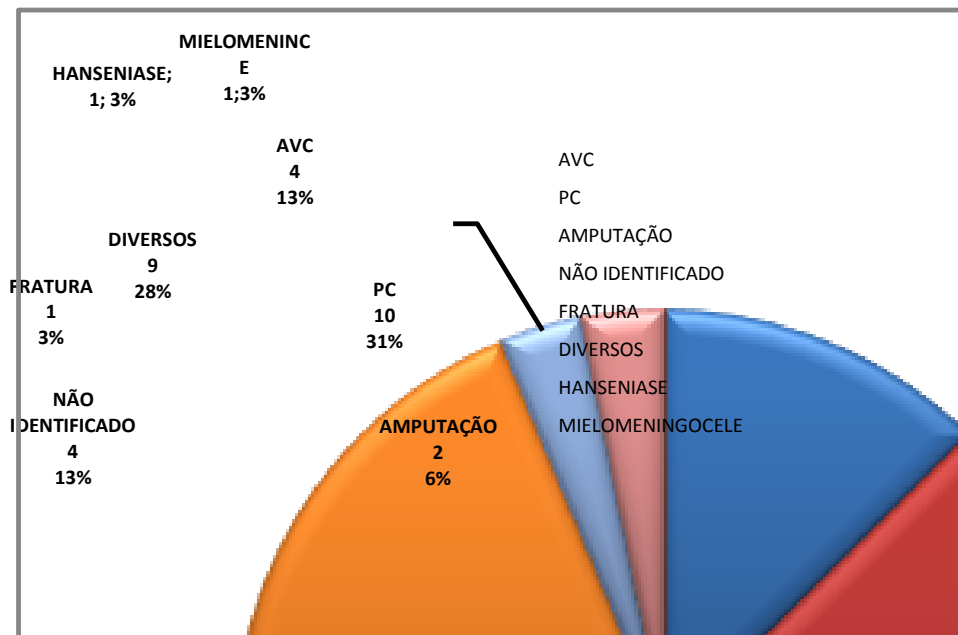


Salientarmos que no ano de 1998 foram defendidas 3 dissertações de mestrado e uma 1 tese de doutorado. No ano de 1999 houve uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado. Em 2000 ocorreu o auge das defesas de teses de doutorado totalizando 2 defesas, e 3 dissertações de mestrado. Em 2001 houve uma queda no número de mestrados totalizando 2 defesas e este foi o primeiro ano desde 1998 sem defesa de teses de doutorado. Em 2002 o número de dissertações sobre para 3 e numero de teses permanece em zero. Em 2003 ocorre o maior número de dissertações defendidas totalizando 4 trabalhos e surge a defesa de uma tese de doutorado. Em 2004 não houve nenhum trabalho apresentado, tanto em nível de mestrado como de doutorado. Em 2005 novamente conseguimos atingir o número de 4 dissertações de mestrado defendidas, e verificamos a defesa da última tese de doutorado. Em 2006 foi defendida apenas uma dissertação de mestrado. E em 2007 e 2008 houve a estabilização de duas dissertações de mestrado. Em 2009 não foi apresentada nenhuma dissertação de mestrado e a parti de 2006 até 2009 não houve nenhuma defesa de tese de doutorado.

Dos 16 programas reconhecidos pela CAPES com pós-graduação em Educação Física apenas 6 apresentam trabalhos com os títulos voltados a Deficiência Física, sendo 6 teses de doutorado e 26 dissertações de mestrado, dos 32 trabalhos tivemos acesso a 20 trabalhos através dos sites dos programas das próprias universidades, apenas 1 tivemos acesso via email, a própria autora nos enviou o seu trabalho pelo fato de não estar disponível no site do programa.

Totalizando 21 trabalhos na integra, dos 11 trabalhos restantes 10 encontramos o resumo no site da CAPES, e em 1 caso não encontramos sequer o resumo da pesquisa no site da CAPES, apenas o nome do autor e ano de defesa. Dos 11 conseguimos o email de 3 autores, mas não tivemos retorno, os 8 restantes não apresentam email de seus autores no site da Capes.

GRÁFICO 4: Principais causas da deficiência física encontradas nas produções científicas

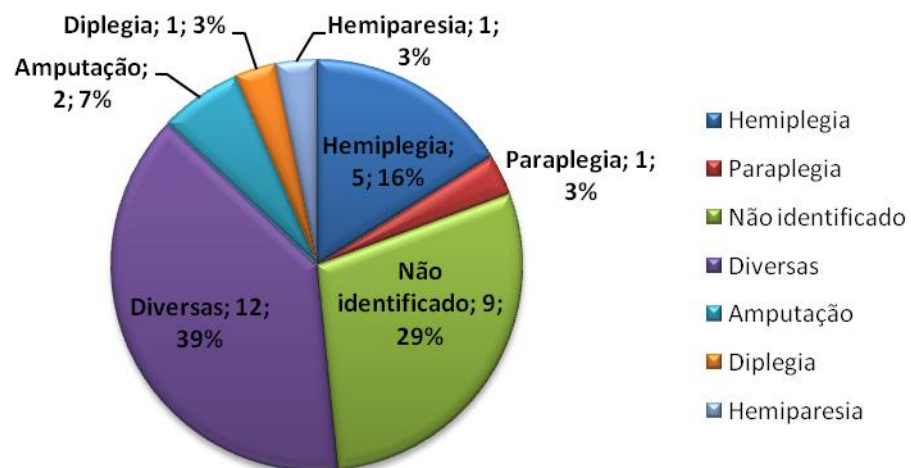


No que diz respeito às causas da Deficiência Física, encontradas, chegamos aos seguintes dados:

- Em 31%, 10 trabalhos tinham com participantes da pesquisa pessoas com Deficiência Física ocasionada somente por Paralisia Cerebral;
- Em 28%, 9 trabalhos tinham com participantes da pesquisa pessoas com Deficiência Física ocasionada por diferentes motivos, participaram do estudo pessoas que sofreram Acidente Vascular Cerebral, Paralisia Cerebral e etc.;
- Em 13%, 4 trabalhos tinham com participantes da pesquisa pessoas com Deficiência Física ocasionada somente por Acidente Vascular Cerebral.
- Em 13%, 4 trabalhos não conseguimos identificar a causa da Deficiência Física nos participantes da pesquisa;

- Em 6%, 2 trabalhos tinham com participantes da pesquisa pessoas com Deficiência Física ocasionada somente por amputação;
- Em 3%, 1 trabalhos tinham com participantes da pesquisa pessoas com Deficiência Física ocasionada somente por Mielomeningocele;
- Em 3%, 1 trabalhos tinham com participantes da pesquisa pessoas com Deficiência Física ocasionada somente por Hanseníase;
- Em 3%, 1 trabalhos tinham com participantes da pesquisa pessoas com Deficiência Física ocasionada somente por Fraturas;

GRÁFICO 5: Categorias da deficiência física encontradas nos estudos

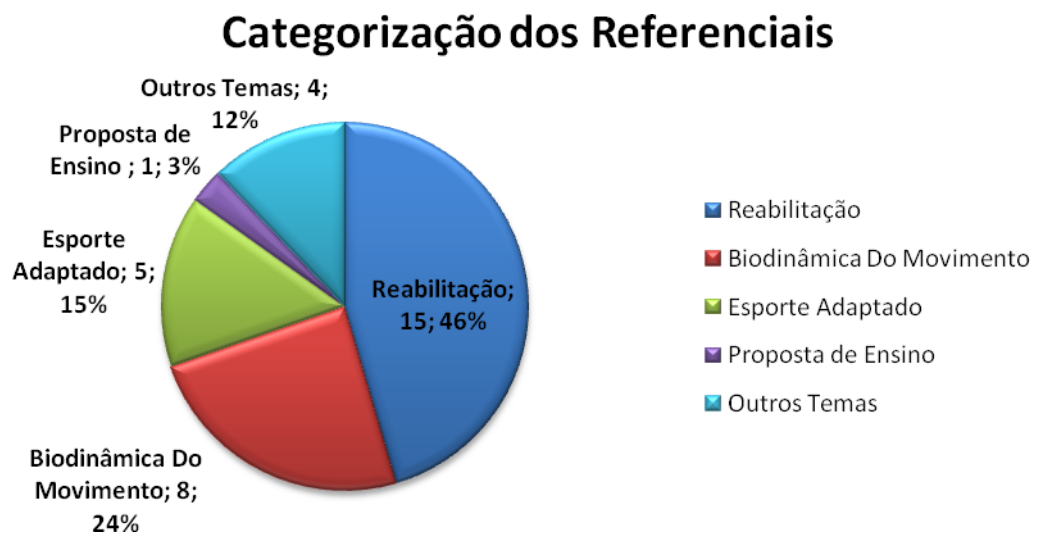


No que diz respeito à categoria da Deficiência Física, encontradas, chegamos aos seguintes dados:

- Em 39 %, 12 trabalhos tinham com participantes da pesquisa, pessoas com Deficiência Física divididas em diversas categorias;
- Em 29 %, 9 pesquisas não conseguimos identificar a categoria da Deficiência Física dos participantes;
- Em 16%, 5 estudos os participantes possuíam a categoria de Hemiplégico;
- Em 7%, 2 pesquisas os participantes foram categorizados como amputados;

- Em 3%, 1 estudo foram encontrados como participantes indivíduos da categoria de Diplegia;
- Em 3%, 1 estudo foram encontrados como participantes indivíduos da categoria de Paraplegia;
- Em 3%, 1 estudo foram encontrados como participantes indivíduos da categoria de Hemiparesia.

GRÁFICO 6: Categorização das produções científicas



Dividimos as produções científicas em 5 categorias de pesquisas: Reabilitação, Biodinâmica do Movimento, Esporte Adaptado, Proposta de Ensino e Outros.

A categoria de Reabilitação apresenta diversas discussões como, por exemplo: aquisição de controle motor, o papel da atividade física na reabilitação, a utilização de atividades lúdicas na reabilitação de crianças, o papel da dança na reabilitação, e a qualidade de vida após início da reabilitação.

A categoria de Biodinâmica do Movimento apresenta dissertações e teses sobre: a velocidade, qualidade, desempenho e variações dos movimentos de pessoas com Deficiência Física.

A categoria Esporte Adaptado apresentam estudos sobre: o estresse que os atletas sofrem devido às competições, os critérios utilizados na classificação funcional de jogadores cadeirantes, a utilização da bocha como modalidade esportiva adaptada para pessoas com Paralisia Cerebral.

A categoria Proposta de Ensino apresenta o polybat como modalidade esportiva possível de ser ensinada nas aulas de Educação Escolar para pessoas com Deficiência Física.

Em 12,5% dos trabalhos foram classificados na Categoria Outros Temas, estão catalogados os estudos que não foram alocados nas outras categorias por não termos encontrado características que nos influencia-se a classificá-los nas demais categorias: a contribuição do Lazer para inserção dos Deficientes Físicos, o papel de uma sala de espera no hospital na socialização das crianças com Deficiência Física, e imagem corporal que as pessoas com Deficiência Física têm de si mesmas.

5.1 ANÁLISES DAS DISSERTAÇÕES E TESES

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 1

A pesquisa tinha como alvo avaliar os mecanismos usados, por atletas com amputação transtibiais unilaterais, durante a locomoção. Procurou-se reconhecer os parâmetros dinâmicos e eletromiográficos durante a corrida e a marcha dos amputados. Procurou-se adquirir o valor da componente vertical da força de reação do solo (FRS) e também a duração do tempo da passada, balanço e apoio, através de duas plataformas de força instaladas sob uma esteira rolante denominado sistema de GAITWAY. Por fim, conclui-se que os atletas se utilizam de estratégias que estão associadas com a dilatação do componente vertical da força de reação do solo a fase de apoio e a velocidade do movimento. Outro aspecto relevante e a exigência que feita aos músculos em detrimento de outros, evidenciando a carência em relação a uma maior rigidez entorno das articulações devido assimetria estrutural ocasionada pela amputação. (SOARES, 2005) ⁶

Palavras – Chave: Biomecânica. Marcha. Corrida. Eletromiografia.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 2

Não conseguimos ter acesso a versão digital da presente pesquisa no programa de pós – graduação na universidade em que ela foi defendida, apenas em

⁶ Não tivemos êxito em relação ao acesso à versão digital deste estudo, mas, encontramos o seu resumo no site da CAPES.

encontramos no site da CAPES informações básicas como: nome do autor, título, ano de defesa, banca examinadora, nome da instituição, título, número de páginas e linha de pesquisa.

No site da CAPES não encontramos o resumo da tese, só tivemos acesso a linha de pesquisa da produção científica. Fez-se uma breve avaliação da linha de pesquisa descrita pela CAPES e chegou-se a conclusão que o trabalho consistiu na realização de um diagnóstico e de uma análise do desenvolvimento motor, em crianças sem deficiência e em crianças com deficiência, posteriormente foi investigado a aquisição dos padrões básicos de movimento e suas combinações. Verificando-se a influência de fatores ambientais que afetam o processo de desenvolvimento motor. Foi desenvolvido um instrumento para diagnosticar os estágios de evolução de indivíduos e grupos durante a vida.⁷

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 3

Não conseguimos ter acesso a esta obra na íntegra, porém, o site da CAPES, em seu banco de dissertações e teses, disponibiliza o resumo da obra, nos apropriamos deste para realização da análise. A produção científica de número 3, tinha como objetivo inicial averiguar as estratégias que as pessoas com paralisia cerebral hemiplégica espástica (PCHE) utilizam para o controle de movimentos, especificamente a flexão de ombro e a flexão de cotovelo. Para isto, realizou uma comparação entre indivíduos considerados normais⁸ que deveriam realizar os movimentos com o braço direito e indivíduos com PCHE deveriam realizar a o exercício com o braço que não afetado pela hemiplegia. Por fim, constatou-se que os sujeitos considerados normais e as pessoas com PCHE ao realizarem a flexão de ombro, se utilizaram da mesma estratégia. Já durante a flexão de cotovelo as pessoas com PEHE utilizaram uma estratégia diferente dos ditos normais, para a realização do movimento. Como tivemos acesso apenas há um pequeno resumo da obra, não foi possível nos aprofundarmos mais na metodologia da pesquisa e seus resultados. (BARELA, 2000)⁹

Palavras-Chave: Paralisia Cerebral. Controle Motor. Eletromiografia.

⁷ Não tivemos êxito em relação ao acesso à versão digital deste estudo, mas, encontramos algumas informações no site da CAPES.

⁸ Sem paralisia cerebral.

⁹ Ver nota 6.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 4

Este trabalho analisou o andar na piscina de indivíduos que sofreram um acidente vascular cerebral, que adquiriram a hemiplegia. A autora comparou a marcha de indivíduos hemiplégicos com a marcha de pessoas sem hemiplegia no ambiente terrestre e no ambiente aquático. Esta pesquisa tinha como objetivo averiguar os efeitos hidrodinâmicos na forma de andar do sujeito hemiplégico. Com decorrer da pesquisa foi fornecido um suporte científico aos profissionais que trabalhavam na piscina, desta forma apesar de não ter sido objetivo inicial da autora, houve uma intervenção e o treino da marcha em piscina. Chegou-se a conclusão que a experiência de pessoas com hemiplegia de andar no ambiente aquático, traz benefícios durante a reabilitação, mas, se faz necessário ainda a otimização de protocolos para o tratamento da hemiplegia através de pesquisas mais aprofundadas.

Não conseguimos ter acesso a obra na íntegra, mas, recorreremos ao site da CAPES que disponibiliza o resumo da obra, apesar de termos informações limitadas em relação este trabalho, nos apropriamos do resumo disponível para realização da análise (DEGANI, 2000).¹⁰

Palavras–Chave: Andar Hemiplégico. Ambiente Aquático. Controle Motor.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 5

A criança com Paralisia Cerebral (PC) tem o seu desenvolvimento motor comprometido, devido isto, a autora afirma pode ocorrer aquisição tardia de habilidades motoras ou não aquisição de algumas delas. A autora pesquisou especificamente o andar da criança com PC, usando a hipótese de relacionamento do andar, foi usada uma esteira rolante que estimulava a criança a dar passos. Verificou-se que a criança, quando estimulada pela esteira rolante, adquiriu a independência do andar em um tempo menor. Concluiu-se que a esteira pode ajudar na independência do andar da criança com PC. (FERREIRA, 2000)¹¹

Palavras–Chave: Paralisia Cerebral. Desenvolvimento Motor. Andar.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 6

¹⁰ Ver nota 6.

¹¹ Ver nota 6.

A autora da pesquisa tinha como objetivo analisar e confrontar o andar de indivíduos hemiplégicos no solo e na esteira com suporte parcial e total de peso. 10 pessoas foram escolhidas para participarem do estudo, que haviam sofrido AVC a mais de dois anos na época do estudo. Como resultado a autora percebeu que quando um hemiplégico utiliza um suporte total de peso, o andar dele é diferente no solo quando comparado com o andar da esteira, na esteira o andar padrão foi mais bem desenvolvido através das mudanças comportamentais, temporais, coordenativas e articulares. Já com o uso de suporte parcial de peso, o andar no solo do hemiplégico foi mais eficiente. A autora concluiu que, a utilização de uma esteira e da suspensão de peso, pode auxiliar no processo de reabilitação do andar de pessoas que sofreram um AVC. (SEGURA, 2005).

Palavras-Chave: Andar Hemiplégico. Esteira. Solo. Suporte parcial de peso. Suporte total de peso.¹²

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 7

Nesta produção científica, o objetivo foi avaliar a marcha de 10 indivíduos que sofreram amputação do membro inferior. Além disso, foi realizado o reconhecimento da causa da amputação, as dificuldades encontradas após a cirurgia, a reabilitação e outros fatores. As barreiras mais mencionadas em relação às limitações na execução de atividades da vida diária: tomar banho, realizar exercícios específicos de musculação e subir e descer escadas. Conclui-se que as pessoas amputadas possuem alterações na marcha do membro com prótese, quando comparado a outros indivíduos sem limitações físicas. O atributo da marcha de cada indivíduo, é afetado pela sistematização da reabilitação e por aspectos afetivo-sociais afetado pela visão que o indivíduo tem de sua amputação. (TONNON, 2001)¹³

Palavras-Chave: Amputações. Prótese. Amputados. Reabilitação.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 8

Neste trabalho, verifica-se que o objetivo era avaliar como a utilização da terapia com suporte de peso corporal pode influenciar no desempenho do andar de

¹² O documento que tivemos acesso não apresenta ficha catalográfica, as palavras-chaves estão de acordo com o resumo da autora.

¹³ Ver nota 6.

peças com Paralisia Cerebral que ficaram com diplégia¹⁴, de forma mais específica buscou-se averiguar a velocidade, distância e tempo gastos durante o caminhar, medir o equilíbrio e variáveis espaços-temporais da marcha de diplegicos, e também a frequência cardíaca durante a marcha em uma esteira com e sem suporte de peso corporal. 4 indivíduos diplegicos participaram desta pesquisa. A autora chegou à conclusão de que o desempenho da marcha de diplegicos é favorecido pelo uso da esteira quando, se diminui o espaço e aumenta-se o tempo de ambulacão¹⁵, logo pode se fazer uso de novas tecnologia para auxiliar na reabilitação, desde que a mesma seja aperfeiçoada, mas, deve-se levar em consideração também os aspectos familiares e sociais que possuem um papel importante na recuperação do indivíduo.(BONAMIGO, 2002)¹⁶

Palavras-Chave: Marcha. Suporte de peso corporal. Paralisia Cerebral. Reabilitação.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 9

O presente estudo buscou desenvolver uma investigação sobre o ambiente em que as crianças com paralisia cerebral (PC) estão inseridas na cidade de Bagé no Rio Grande do Sul. Foram aplicadas entrevistas com 19 pessoas entre profissionais da saúde e mães de crianças com PC, para verificar o processo de inclusão de pessoas com PC. Notou-se que existe uma maior preocupação com os atendimentos terapêuticos em detrimento de outros locais que podem receber a pessoa com PC. Os profissionais da saúde até indicam que a criança se envolva em outras atividades sociais como, por exemplo, a escola, mas, entre a teoria da inclusão e a realidade, segundo a autora, existem desafios para sua implementação. O contexto familiar é outro ambiente em que as crianças com PC passam a maior parte do tempo, e as mães tem a expectativa que seus filhos tenham a aquisição da marcha e independência. Estes resultados mostraram que a formação acadêmica dos profissionais de saúde não foi suficiente para prepará-los para atender as crianças com PC. Os resultados foram comparados com a teoria dos sistemas ecológicos, percebeu-se que nas instituições especializadas o atendimento é voltado

¹⁴ Paralisia que compromete partes iguais, de ambos os lados do corpo; paralisia bilateral. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0

¹⁵ Ato de ambular. Ambular significa Passear, vaguear; deambular, perambular. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0

¹⁶ Ver nota 6.

para o contexto primordial de desenvolvimento, pois, a criança para resolver os seus problemas, deve se auxiliada por alguém mais capacitado. (BRAIDA, 2002) ¹⁷

Palavras–Chave: Paralisia Cerebral. Inclusão social. Desenvolvimento.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 10

Esta obra objetivava analisar o desenvolvimento do tratamento de reabilitação da marcha em esteira instrumentalizada de pessoas com fraturas nos membros inferiores. A amostra foi composta por cinco sujeitos com idade de 16 a 19 anos e do sexo masculino. O protocolo utilizado empenhou-se em avaliar a marcha, a cadência natural e amplitude de movimento em esteira instrumentalizada com duas plataformas de força acopladas. Isto ocorreu antes e depois do treinamento. Como resultado notou-se ganho de amplitude no tornozelo, joelho e quadril; redução do índice de assimetria no membro que sofreu lesão; as principais mudanças encontradas foram à melhora do equilíbrio e da coordenação do movimento que conseqüentemente melhorou a marcha do paciente após o final do tratamento. (MUNIZ, 2002) ¹⁸

Palavras–Chave: Reabilitação da Marcha. Esteira. Fratura de Membros Inferiores.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 11

O autor buscou reconhecer a relação entre a qualidade de vida de pessoas com Deficiência Física e a prática de atividade física e outros componentes do estilo de vida. Foi estipulado pelo autor a participação de 100 pessoas na pesquisa, todos com Deficiência Física e idade entre 18 a 55 anos e alfabetizados, as entrevistas ocorreram no final do ano de 2002 e início de ano de 2003. As ferramentas utilizadas para se avaliar o grau da qualidade de vida dos participantes foram: O questionário sobre a prática de exercícios e esporte, a versão abreviada do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Pentáculo do bem–estar. O pesquisador chegou à conclusão de que a atividade física, exercícios ou o esporte, é um fator que não tem uma interferência fundamental na concepção de qualidade de vida de pessoas com Deficiência Física, mas é um fator que influencia nos outros aspectos do estilo de vida individual como nas relações sociais e aceitação física. Portanto, além da atividade física existem

¹⁷ Ver nota 6.

¹⁸ Ver nota 6.

outras variáveis que são importantes para determinar a qualidade de vida dos sujeitos pesquisados. (BAPTISTA, 2003) ¹⁹

Palavras–Chave: Atividade Física. Qualidade de Vida. Deficiência Física.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 12

A autora desta dissertação buscou reconhecer o comportamento da frequência cardíaca e das concentrações de lactado no sangue em jogadores de basquete sobre rodas através de um teste progressivo de quadra. Nas partidas oficiais ela reconheceu a relação entre os limiares de transição das concentrações de lactato e da frequência cardíaca. A pesquisadora conclui dizendo que deve existir cautela na avaliação aeróbia dos atletas através dos parâmetros fisiológicos e os índices testados; ela afirma que o uso de técnicas para identificar o ponto de deflexão da frequência cardíaca é método promissor para ser utilizado na avaliação aeróbia com atletas de basquete sobre rodas. (SANTOS, 2007).

Palavras–Chave: Teste intermitente. Cadeiras de roda. Basquetebol. Limiar anaeróbio.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 13

A presente produção científica tinha como objetivo validar um software que contribuísse para aprendizagem e controle motor que pudesse ser utilizado como instrumento para avaliar indivíduos hemiparéticos, mais especificamente suas habilidades motoras finas dos membros superiores. O estudo ocorreu com 15 pessoas que haviam sofrido AVC e que estavam participando de programa de reabilitação. Foram realizados vários testes para avaliação e mensuração da intensidade da dor, classificação da severidade da hemiparesia, avaliação da ansiedade além do uso do software de aprendizagem e controle motor. Por fim, percebeu-se que o software apresenta requisitos confiáveis para avaliar o controle motor de habilidade motora fina, discreta e fechada em pessoas hemiparéticas. (GONÇALVES, 2008)

Palavras–Chave: Hemiparesia. Habilidade Motora Fina. Controle Motor. Validação.

¹⁹ Ver nota 6.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 14

Esta produção científica tinha como objetivo reconhecer as possíveis variações de arremesso no basquete sobre cadeiras de rodas, nesse esporte existem diferentes classificações funcionais de acordo com nível da Deficiência Física de cada atleta, a partir disso, foram analisados os arremessos de 3 e 4 metros de distância, com o objetivo de verificar se as classificações funcionais poderiam se justificadas pelas diferenças na maneira de arremessar de cada atleta. Foram escolhidos 12 atletas profissionais para serem participantes da pesquisa.

Percebeu-se que os atletas da classe 1.0 possuem semelhanças nas técnicas de arremesso, já os atletas de outras classes buscam estratégias diferentes para efetuar o arremesso com precisão. A autora concluiu dizendo que o número de pesquisas sobre análise da técnica de movimento dos esportes adaptados, é pequeno; com o resultado de sua pesquisa ela afirma que não foi possível usar o padrão de arremesso de 3 e 4 metros para justificar a classificação funcional dos atletas. (TORRES, 2003).

Palavras-Chave: Biomecânica – Análise do padrão de movimento (Termo Livre – UFMG). Basquetebol em cadeiras de rodas. Séries Temporais (Termo Livre – UFMG).

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 15

Com a evolução do esporte adaptado, deixando de possuir somente objetivos de reabilitação e lazer para objetivos de competição, ocorreu o profissionalismo dos atletas com deficiência, e como consequência o fenômeno do estresse passou a ser uma realidade na vida dos atletas com Deficiência Física. A partir desta problemática, a autora buscou fazer uma análise do estresse entre 130 atletas com Deficiência Física usando um teste que contém 57 itens. Os itens foram distribuídos em duas dimensões de acordo com a Psicologia do esporte denominadas: Psicobiológica e Socioambiental. Chegou-se a conclusão de que os resultados foram satisfatórios, indicando que Teste de Estresse Psíquico para atletas com Deficiência Física (TEP-DF), é uma ferramenta legítima para ser aplicado com atletas com Deficiência Física. A dimensão socioambiental apresentou a média de

influência mais negativa do que a Psicobiológica, já o percentual de influência positiva, foi bastante semelhante em ambas as dimensões. (ANJOS, 2005) ²⁰

Palavras-Chave: Percepção Subjetiva. Estresse. Atletas. Deficiência Física.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 16

A pesquisadora se apropriou do uso de dicas de aprendizagem, que é uso de estratégias cognitivas de direcionamento da atenção, para crianças com dificuldades motoras para realizar o seu estudo, e depois analisou e comparou os resultados de dois grupos de crianças, um grupo que recebeu dicas de aprendizagem e outro grupo que não recebeu. Foram realizados testes com as crianças para verificar como elas identificavam as partes do próprio corpo, a percepção da cinética corporal e a percepção crítica das partes do corpo de outra pessoa. O grupo que recebeu o uso de dicas, nos testes finais apresentou uma maior percepção das possibilidades de movimentos das partes do corpo e através de desenhos houve uma descrição mais detalhada das partes do corpo pelas crianças. A autora afirma que o nosso comportamento motor é influenciado pelas relações com ambiente em que vivemos, por isso, se faz necessários estudos que ampliem a avaliação dessa relação. Portanto, a ciência deve extrapolar o seu universo, e as pesquisas devem trazer resultados e mudanças para a sociedade. (BERTOLDI, 2004).

Palavras-Chave: Aprendizagem Motora. Dicas de Aprendizagem. Atenção. Percepção corporal. Deficiência Motora.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 17

A dissertação 17 procurou abordar as barreiras sócio-culturais que as pessoas com Deficiência Física enfrentam para ter acesso ao lazer, barreiras arquitetônicas ou físicas, que abrangem: o transporte, atitudes da sociedade em relação aos deficientes físicos, a dificuldade dos deficientes físicos em lidar e aceitar com seus limites. Este estudo constatou a importância do convívio social através dos grupos de apoio aos deficientes físicos para minimizar as barreiras sócio-culturais. (CANTARELI, 1998).

Palavras-Chave: Deficientes físicos. Lazer.

²⁰ Ver nota 6.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 18

A produção científica de número 18 abordou a importância das atividades lúdicas no cotidiano da criança com paralisia cerebral²¹ (PC), realizou-se uma pesquisa de campo com sete famílias em que pelos menos tenha um membro com paralisia cerebral. Chegou-se ao resultado de que as atividades lúdicas ocorrem inicialmente na própria família. Admitindo poucas variações ou mudanças em sua rotina. As crianças com PC encontram dificuldades em relacionar com outras crianças, dificuldades em relação ao espaço físico, tornando a sua brincadeira solitária, em alguns casos usando a o vídeo-game como ferramenta para poder brincar. Desta forma percebe-se que as limitações físicas são determinantes para escolha de atividades lúdicas solitárias, influenciando no acesso restrito a atividades sócio-culturais. (CARVALHO, 1998)

Palavras-Chave: Deficiência física. Paralisia cerebral nas crianças. Brinquedo. Jogo. Educação Física. Terapia ocupacional.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 19

A pesquisa cinco buscou reconhecer os significados da dança para pessoas com Deficiência Física, e os benefícios da dança em cadeira de rodas para um grupo de deficientes físicos, e identificar a expressão do corpo através dos movimentos da dança caracterizado por uma linguagem não-verbal. (FERREIRA, 1998).

Palavras-Chave: Comunicação não-verbal. Dança-história. Rudolf Von Laban. Deficientes Físicos. Cadeiras de rodas.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 20

Neste trabalho o autor afirma que buscou relacionar a saúde coletiva com a atividade física, levou-se em consideração a realidade do padrão epidemiológico²² de transição. Através de um estudo transversal buscou-se identificar e descrever os agravos sensitivos-motores sofridos por pessoas com hanseníase baseado nos níveis de atividade física e analisar e caracterizar o comportamento das variáveis

²¹ A PC é uma das causas da deficiência física, por isso resolvemos inserir em nossa pesquisa as dissertações e teses sobre PC.

²² Derivado da palavra Epidemiologia que significa: Estudo das inter-relações dos vários determinantes da frequência e distribuição de doenças num conjunto populacional. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0

que poderiam estar agregadas a inaptidão decorrente da doença. A hanseníase é descrita como uma doença infecciosa de evolução crônica, que traz sérias conseqüências físicas, que vão desde a perda de sensibilidade pelos membros, paralisias e até a amputação. A investigação ocorreu em instituto que atende pessoas com hanseníase e doenças de pele. Constataram-se agravos na saúde dos indivíduos considerados ativos fisicamente (caracterizado por trabalhadores rurais), porém, esses agravos sofreram influência de outras variáveis como a idade e número de internações do indivíduo. Os indivíduos considerados sedentários (caracterizado por trabalhadores urbanos) apresentaram um número maior de neurites²³ do os indivíduos considerados ativos. (MONTEIRO, 1998).

Palavras-Chave: Hanseníase. Epidemiologia. Saúde Pública. Exercícios Físicos. Deficiência Física. Lesões Corporais.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 21

Esta produção científica descreve a hemiplegia com uma limitação motora de uma dos lados do corpo. A pesquisa procurou oferecer uma ferramenta de avaliação da simetria e deslocamento ou distribuição do peso do individuo hemiplégico. E verificou se existe uma relação entre a avaliação da simetria e da distribuição de peso com a classificação de escalas de atividades da vida diária e social. Como resultado percebe-se que a simetria e a distribuição de peso têm uma relação importante com a independência do hemiplégico. O desenvolvimento das atividades funcionais por indivíduos hemiplégicos contribui para sua autonomia. Portanto, de acordo com autor os resultados do estudo servem de base para um planejamento de programas de diversas áreas que busque atender as necessidades de pessoas com hemiplegia. (CHAGAS, 1999)

Palavras-Chave: Hemiplegia. Postura Humana. Capacidade Motora. Qualidade de Vida. Deficientes – Físicos – Reabilitação.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 22

A paralisia cerebral é uma das causas da Deficiência Física, neste estudo a autora procurou proporcionar uma dinâmica pela qual a mãe e filho com paralisia cerebral brincassem em um ambiente natural, duas mães seu filhos participaram da

²³ Inflamação de nervo; Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0

pesquisa, com base nas análises de entrevistas com mães a autora pode conhecer as brincadeiras cotidianas das crianças, com esses dados, as brincadeiras eram planejadas para os encontros seguintes. Durante seis meses de trabalho a pesquisadora se revezou no papel de orientadora, participante e observadora das brincadeiras, notou – se que a brincadeira não é o mais importante na brincadeira, usando a criatividade infantil no próprio ambiente as “criam” os brinquedos necessários. Por fim, percebeu-se que a influência mútua entre mãe e filho, o ambiente natural, a brincadeira e a intervenção profissional pode contribuir de maneira eficaz para ampliação sensorio - motor da criança, além de trazer benefícios afetivos – sociais. A autora demonstra uma preocupação com a formação acadêmica do fisioterapeuta, dando a entender que a sua formação é em fisioterapia, no entanto, a sua tese foi apresentada para obtenção do título de Doutora em Educação Física na área de concentração de atividade física e adaptação. (LORENZINI, 1999)

Palavras-Chave: Paralisia Cerebral. Jogos Infantis. Aprendizagem Motora. Crianças Deficientes – Relações com a família.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 23

A Paralisia Cerebral Espástica (PCE) é descrita um distúrbio motor originário de uma lesão cerebral nas primeiras etapas de desenvolvimento, ocasionando a persistência de reflexos primitivos, retardo na evolução motora, debilidade muscular e perda da destreza. Esta pesquisa procurou analisar a postura sentada da criança com PCE, em virtude da necessidade da criança passar muito tempo sentada na escola durante as aulas. Foi fornecido um banco sem encosto e uma mesa para as crianças com apoio para os pés e para as mãos. O público participante foi de 10 indivíduos com idade entre 8 e 15 anos de ambos os sexos e que conseguiram manter-se sentado sem auxílio. Os sujeitos foram filmados no mobiliário com e sem apoio para os membros superiores e inferiores e posteriormente foram feitas as análises das filmagens. Logo, evidenciou – se que a mesa como apoio para braços contribuiu para a postura fisiológica natural da coluna, já o apoio para os pés contribuiu negativamente para a curvatura lombar e que alongamento desde que realizado da forma apropriada também traz benefícios ao indivíduo com PCE. (BRACCIALLI, 2000)

Palavras-Chave: Paralisia Cerebral. Postura Humana. Mobiliário.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 24

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) ou o popular Derrame é qualquer desordem que ocasione a obstrução ou rompimento de vasos que fazem o transporte do sangue rico em oxigênio para o cérebro. O AVC pode causar a Hemiparesia²⁴ ou a Hemiplegia.²⁵ A pesquisa presente buscou mostrar que um programa de exercícios físicos e de atividades recreativas regular pode fornecer ao sujeito que sofreu um AVC uma nova visão em relação à vida, que apesar de suas limitações há um potencial a ser desenvolvido. 18 pessoas com seqüelas de AVC foram os participantes, inicialmente foi realizada uma avaliação da qualidade de vida, estágio de depressão e de ansiedade. Posteriormente, os participantes foram submetidos durante 6 meses a atividades na água, com cavalo e caminhada. Após o programa de atividade física foram aplicados os mesmos instrumentos usados inicialmente e comparados os resultados. Verificou-se a diminuição dos níveis de depressão e ansiedade e uma melhora na qualidade de vida. Desta forma, percebe-se que o programa de atividade física, elaborado de acordo com as necessidades dos indivíduos com AVC, traz além dos benefícios fisiológicos na prevenção de um novo AVC, traz benefícios afetivos – sociais. (COSTA, 2000)

Palavras-Chave: Exercícios Físicos. Qualidade de Vida. Saúde. Depressão Mental. Ansiedade. Acidentes Vasculares Cerebrais.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 25

Esta obra nos faz refletir, sobre os critérios e procedimentos da classificação funcional do basquetebol em cadeiras de rodas. A autora afirma que o Esporte Adaptado surgiu após a II Guerra mundial em função da reabilitação dos soldados sobreviventes. Com a evolução do esporte adaptado surgiu a necessidade da criação de se classificar os atletas de acordo com as limitações físicas de cada um, o basquete sobre rodas é praticado por indivíduos com Deficiência Física ocasionada por amputações, traumatismo medulares, seqüelas de poliomielite, ou qualquer limitação motora que impossibilite a prática do basquete convencional. A pesquisadora realizou entrevistas com quatro classificadores funcionais do país, foi feita a análise dessas entrevistas e a autora chegou à conclusão de que

²⁴ Perda parcial de movimento no lado oposto do corpo ao acidente vascular cerebral. (COSTA, 2000)

²⁵ Paralisia em um dos lados do corpo, também oposto ao lado do acidente vascular cerebral. (COSTA, 2000)

procedimento que é mais utilizado para se classificar o atleta é a observação do mesmo, durante uma partida na quadra, assim pode-se perceber o “volume de jogo” do jogador que é potencial que ele pode atingir durante uma partida competitiva, a partir disso se faz a classificação do atleta, relacionando com o nível de lesão que ele possui. Esta classificação na época em que foi realizado o estudo era dividida em 2 categorias que era sub-dividida e 2 classes por categoria. No entanto, a autora percebeu que havia diferentes critérios e procedimentos utilizados na classificação funcional, ela faz um apelo para que as federações regionais e a confederação nacional que são as instituições responsáveis pelo basquete sobre rodas, modifiquem este quadro, visto que esta realidade não é uma necessidade apenas do Esporte Adaptado no Brasil, mas, em outros países. Ela também defende que os atletas cadeirantes deveriam participar das comissões que fazem a classificação funcional, já que eles têm um olhar diferente dos técnicos, árbitros e médicos que participam da classificação funcional do jogador. (CASTELLANO, 2001)

Palavras-Chave: Basquetebol em cadeiras de rodas. Deficientes Físicos-Esportes. Classificação.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 26

A autora afirma que sua pesquisa tinha como objetivo a exposição do ensino da bocha como proposta, para pessoas com paralisia cerebral do tipo severa. Em uma partida de bocha é necessário seis bolas azuis, seis bolas vermelhas e uma branca, em uma quadra com superfície plana, lisa e com marcações. O objetivo do jogo é encostar o maior número possível de bolas na bola alvo, como na bocha convencional. O jogo pode ser disputado por equipes, por duplas ou individualmente. A pesquisa foi desenvolvida com 23 pessoas com faixa etária de 16 a 47 anos. Foram desenvolvidos jogos, prática do desporto adaptado e atividades físicas de acordo com as especificidades dos alunos. Provocando momentos de conquistas e realizações, enfrentando a deficiência como estímulo para superação dos obstáculos. Portanto, a prática do jogo da Bocha trouxe benefícios cognitivos e fisiológicos para seus participantes. Acima de tudo, a autora afirma que o resgate da capacidade humana independente das limitações físicas, foi o maior benefício para os participantes deste trabalho. (CAMPEÃO, 2002).

Palavras-Chave: Bocha. Paralisia Cerebral. Capacidade Motora.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 27

Esta tese de doutorado foi desenvolvida com objetivo de entender a relação da dança com pessoas cadeirantes, sob o aspecto de possibilidade de uma mudança corporal e social. A autora afirma que foi necessário estabelecer uma escuta para entender o discurso verbal e não verbal das pessoas com Deficiência Física através dos movimentos desenvolvidos durante a dança. Foram realizadas filmagens e entrevistas com vários grupos de dança em cadeira de rodas pelo país no período de 2000 a 2002. Portanto, a dança em cadeira de rodas tornou-se uma realidade porque existe uma relação em o dançarino-deficiente e o público.

Ferreira (2003), diz que isto foi possível porque uma entidade não superou a outra, tornado a dança em cadeira de rodas uma nova modalidade de dança, que traz benefícios ao dançarino-deficiente e uma nova possibilidade para o público que admira a arte da dança. (FERREIRA, 2003).

Palavras-Chave: Dança. Análise do Discurso. Corpo. Imaginário. Subjetividade. Coreografia. Movimento. Arte. Esportes em Cadeira de rodas. Comunicação não verbal. Labanotação.²⁶

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 28

Como resultado de uma pesquisa, do tipo estudo de caso, foi elaborada esta dissertação de mestrado que tinha como alvo principal a exposição de uma modalidade esportiva denominada *polybat* como uma nova proposta de ensino. Oferecendo desta forma uma opção de atividade recreativa/ esportivo para Professores de Educação Física e interessados, em desenvolver uma atividade inclusiva para pessoas com paralisia cerebral e/ou com Deficiência Física que freqüentem escolas regulares ou especiais. O estudo foi desenvolvido com 6 alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE da cidade Palmas no Paraná. Foram realizadas 32 aulas, usando como metodologia atividades recreativas e dinâmicas, os alunos puderam conhecer o *polybat* e praticar a modalidade, cada aula tinha a duração de uma hora e vinte e cinco minutos. Percebe-se pelas fotos e pela descrição da autora que foram aulas bastante prazerosas e proveitosas pelos alunos. A autora fez uma avaliação de cada um dos seis alunos, podemos perceber que todos os alunos evoluíram em aspectos físicos e

²⁶ A ficha catalográfica é composta por todas as palavras-chave citadas.

sócio-afetivos. Como resultado notou-se a melhora do controle postural e de alcance, melhora do controle da raquete e da raquete sobre a bolinha, melhora da força e da exatidão dos golpes com a raquete, melhora nos fundamentos do jogo proporcionado mais “ralis” durante a partida. Houve também a compreensão das regras, melhora da concentração, auto-motivação, e aceitação da derrota dos alunos quando ocorria. As atividades desenvolvidas demonstraram fazer parte do cotidiano escolar e da realidade, que autora afirma que vale a pena ser estimulada e realizada em instituições especializadas ou não em receber pessoas com deficiência. Visto que, os recursos para se ter acesso ao *polybat* são de fácil acesso quando se comparado com outras modalidades esportivas adaptadas. (STRAPASSON, 2005)

Palavras-Chave: Educação Física para deficientes. Inclusão. Paralisia Cerebral. Deficientes físicos. Jogo.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 29

Essa dissertação de mestrado realizou uma revisão bibliográfica sobre a relação da imagem corporal na hemiplegia. Os aspectos fisiológicos, afetivos e sociais foram relatados e conceituados a respeito da imagem corporal; e avaliou a relação, entre as mudanças oriundas das seqüelas neurológicas e os aspectos afetivos e sociais, com a imagem corporal. Segundo a autora Imagem corporal é forma com que nós vemos o nosso corpo. A pesquisadora realizou uma pesquisa nas bases de dados de sites e universidades, após a organização do material encontrado, procurou-se dar destaque a uma das principais seqüelas vistas em indivíduos hemiplégicos, conhecida como anosognosia, que é um distúrbio em que a doença é negada ou não é reconhecida pelo paciente. Com o resultado encontrado os trabalhos foram divididos em três grupos temáticos relacionados à hemiplegia: imagem corporal e Deficiência Física, aspectos neurológicos da imagem corporal e aspectos psicossociais da imagem corporal. (LOVO, 2006).

Palavras-Chave: Imagem corporal. Hemiplegia. Anosognosia.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 30

A autora perquiriu sobre a resiliência e a imagem corporal de adolescentes e adultos com Mielomeningocele, em uma instituição para deficientes físicos na cidade de Campinas. Segundo a autora Mielomeningocele faz parte do grupo doenças decorrente de defeitos do fechamento do tubo neural que ocorre geralmente na

quarta semana embrionária, ela é mais especificamente do tipo espinha bífida que é caracterizada pelo defeito de fechamento ósseo posterior da coluna vertebral. A pesquisadora diz que resiliência é o termo utilizado por autores da psicologia que afirmam que apesar do estresse e das adversidades, a pessoa pode superar os obstáculos da vida e ser bem sucedido. Foi elaborado um questionário relacionado à imagem corporal e aplicado a 12 pessoas com idades com variavam de 15 a 34 anos. Na pesquisa de campo empregou-se a escala de resiliência para análise dos dados. Por fim, notou-se que a estética e função das partes do corpo foram as principais influências em relação aos sentimentos de gostar ou não gostar do corpo. A autora afirma que o profissional de Educação Física deve saber conceituar o conhecimento e o desenvolvimento da resiliência e da imagem corporal para poder realizar uma intervenção satisfatória no atendimento de pessoas com Mielomeningocele, usando como ferramenta corroboração dos fundamentos da resiliência que são: afetividade, independência, iniciativa, humor, criatividade e auto-estima. (CATUSSO, 2007)

Palavras-Chave: Resilência (Traço da Personalidade). Imagem Corporal. Meningomielocele²⁷.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 31

Esta perquirição tinha como objetivo avaliar e confrontar os efeitos de treinamento resistido adaptado para paraplégicos, quando comparados a realização de atividades de vida diárias (AVD). O estudo se desenvolveu com três pessoas do sexo masculino, os músculos do tronco e dos membros superiores foram submetidos exercícios que pudessem auxiliar na minimização das limitações durante a realização de AVD. Foi aplicado um questionário antes do treinamento e após o treinamento envolvendo os principais aspectos das AVD. Nos resultados o autor constatou a melhora do condicionamento físico e da composição corporal e o fortalecimento dos músculos envolvidos no treinamento, desta forma durante a realização das AVD os participantes tiveram mais facilidade, eficiência, coordenação e domínio dos movimentos. Nos aspectos afetivos sociais o autor pode constatar nos pesquisados uma melhor qualidade de vida, melhor auto – estima e independência em relação às AVD. (GIACOMINI, 2007).

²⁷ Esta palavra chave esta escrita de acordo com a ficha catalográfica, mas, a grafia que autora uso no decorrer do trabalho é Mielomeningocele.

Palavras-Chave: Paraplegia. Deficientes físicos– reabilitação. Atividades Cotidianas. Qualidade de Vida.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA 32

Esta produção científica tinha como objetivo investigar as atividades lúdicas e suas potencialidades sobre o processo de desenvolvimento de crianças com Paralisia Cerebral (PC), no ambiente hospitalar. Usando como referencial o estudo de Urie Bronfenbrenner pode-se perceber que o foco na reabilitação não dever ser na deficiência, porém, dever ocorrer uma reestruturação de ordem social. Quatro crianças com PC e suas respectivas mães foram às participantes da pesquisa, que ocorreu na sala de espera da Fisioterapia Neurológica Infantil do Hospital das Clínicas da UNICAMP. Os participantes foram observados durante dez meses e também foram entrevistados. Os resultados encontrados pela autora demonstraram que houve uma melhora no que diz respeito à relação entre os participantes e o ambiente da pesquisa. A participação das mães nas atividades desenvolvidas com as crianças foi aumentando com decorrer do tempo, a pesquisadora percebeu houve uma melhora nas relações interpessoais tanto por parte das mães como das crianças. As mães passaram a se sentir mais a vontade, na sala de espera, desta forma elas ajudaram as crianças a ter mais segurança ao se relacionarem com outras crianças e adultos, e tiveram a alegria de ter os seus filhos plenamente aceitos pelo resto do grupo. Segundo a autora o ambiente escolar ainda não esta preparado para receber crianças com PC, e a aula de Educação Física é um ambiente que pode proporcionar a inclusão da criança através de brincadeiras, desde que criança se sinta aceita pelo resto do grupo. A autora afirma que a teoria de Urie Bronfenbrenner deve ser transportada para todos os ambientes em que encontra uma criança com PC. (GOMES, 2008).

Palavras-Chave: Paralisia Cerebral. Brincar. Criança–Desenvolvimento. Relações Interpessoais.

6 DISCUSSÃO

Neto (2004), afirma que as dissertações e teses demonstram a identidade de um campo de conhecimento ou de uma comunidade investigadora. Se pensarmos como o autor citado, em relação à produção científica sobre Deficiência Física nos programas de pós-graduação em Educação Física, percebe-se que existe uma tendência em se fazer pesquisas relacionadas à reabilitação e em locais fora do ambiente escolar. A maior parte da amostra é composta por produções realizadas em centros de reabilitação, hospitais e clínicas.

Kokubun (2003), diz que a Pós-Graduação em Educação Física tem como prioridade formar novos professores (as) para nível superior, em detrimento da formação de professores (as) qualificados para a produção científica inovadora e relevante. Pode-se fazer uma relação deste fato, com o programa da Unicamp, que apresenta na sua amostra 50% teses e dissertações orientadas por dois professores, dando a entender que poucos professores são especializados na temática sobre Deficiência Física.

Verificamos que alguns dos autores das dissertações e teses não possuem nível superior em Educação Física, eles são bacharéis em Fisioterapia. Isto nos faz entender que alguns Programas de Pós-Graduação, tem a compreensão da área da Saúde. Mostra-se com esse fato, a necessidade da criação de mais programas de pós-graduação com linhas de pesquisas voltadas a Educação Física Escolar e sobre Educação Física inclusiva ou mesmo a modificação da compreensão da Educação Física pelos programas já existentes.

Tani (2000), afirma que o futuro da Educação Física depende em grande parte dos doutores e mestres formados pelos Programas de Pós-Graduação. Diante desta afirmação no que refere a inclusão de pessoas com Deficiência Física nas aulas de Educação Física, estaria com dificuldades, já que a maior parte das produções científicas está relacionada ao esporte adaptado, biodinâmica do movimento e a reabilitação.

Oliveira (2003), em seu estudo constatou que os trabalhos publicados no CBCE, com a temática da deficiência, no início da década 1980, apresentam em grande parte um caráter terapêutico voltado para a reabilitação. Uma característica

também encontrada na presente pesquisa em relação às teses e dissertações em Educação Física Especial.

Costa e Sousa (2004), afirmam em seu estudo sobre Educação Física e Esporte Adaptado, que a matéria de Educação Física Adaptada no ensino superior se apropriou do Esporte Adaptado e foi construída de forma separada da Educação Física Escolar. Pode-se perceber que as dissertações e teses sobre a Deficiência Física estão sendo produzidas, de forma segregada da Educação Física Escolar, pois grande parte das pesquisas foram realizadas fora do ambiente escolar.

Nos estudos classificados na categoria reabilitação encontramos pesquisas que procuraram avaliar e desenvolver métodos para reabilitação de pessoas com Deficiência Física: avaliação da marcha de pessoas amputadas; análise da terapia com suporte de peso corporal em pessoas com diplégia; avaliação da influência da atividade física, com instrumento de reabilitação, para uma melhor qualidade de vida do deficiente físico; análise da utilização de um software na reabilitação de hemiparéticos; apresentação de estratégias cognitivas de direcionamento de atenção na reabilitação de crianças; análise dos benefícios da dança para pessoas com Deficiência Física; verificação dos agravos sensitivo-motores e suas influências na prática de atividade física durante a reabilitação; descrição da influência de um mobiliário na reabilitação de crianças com Paralisia Cerebral; avaliação dos benefícios da atividade física na piscina, para reabilitação de pessoas com Deficiência Física; verificação dos efeitos do treinamento resistido adaptado para paraplégicos, quando comparados a realização de atividades de vida diárias.

Na categoria biodinâmica do movimento compilamos dissertações e teses relacionadas à: análise da locomoção em atletas que sofreram amputação dos membros inferiores; averiguação do controle da flexão do ombro e do cotovelo em pessoas que sofreram Paralisia Cerebral; análise do andar na piscina de indivíduos que sofreram um acidente vascular cerebral; avaliação do uso de uma esteira rolante como estímulo para crianças andarem; análise e confrontação do andar de indivíduos hemiplégicos no solo e na esteira com suporte parcial e total de peso; verificação do desenvolvimento da marcha em esteira com pessoas que possuem fraturas nos membros inferiores; análise das diferentes estratégias utilizadas pelos jogadores de basquete sobre rodas durante o arremesso; avaliação da simetria, do deslocamento ou distribuição do peso de pessoas hemiplégicas;

Na categoria Esporte Adaptado nos deparamos com as seguintes pesquisas desenvolvidas: A variação da concentração de lactato e da frequência cardíaca em jogadores de basquete sobre rodas; análise dos níveis de estresse desenvolvidos por atletas com Deficiência Física; discussão sobre os critérios da classificação funcional em jogadores de basquete em cadeira de rodas; utilização da modalidade esportiva bocha para pessoas com Paralisia Cerebral.

Na categoria Outros Temas, encontramos as seguintes produções: avaliação do ambiente em que crianças com Paralisia Cerebral estão incluídas; análise das barreiras enfrentadas por pessoas com Deficiência Física para se ter acesso ao lazer; revisão bibliográfica sobre a relação da imagem corporal na hemiplegia; perquirição sobre a resiliência e a imagem corporal, de adolescentes e adultos com Mielomeningocele.

Na categoria Proposta de Ensino encontramos a produção científica de Strapasson (2005), ela apresenta a modalidade esportiva do *polybat*, desenvolvida com 06 alunos da APAE da cidade de Palmas/PR, durante 32 aulas com duração cada uma de 1 hora e 25 minutos, durante o ano de 2004. É um estudo interessante, já que *polybat* pode ser um conteúdo da aula de Educação Física, os resultados apresentando pela autora demonstram que houve aceitação por parte das crianças e demonstra ser uma atividade que traz diversos benefícios aos alunos.

Apesar da realidade constatada pode-se enxergar algo positivo nessa situação, mesmo que haja apenas uma produção científica que apresente uma proposta de ensino para inclusão de Deficientes Físicos, existem trabalhos que podem servir de base para o planejamento do professor, como trabalho de Campeão (2002), que apresenta o ensino da Bocha como modalidade esportiva que pode auxiliar, segundo o autor, na reabilitação de pessoas com paralisia cerebral.

Outro estudo interessante para Educação Física Escolar é o de Carvalho (1998), que verificou a influencia das atividades lúdicas no processo de reabilitação da criança com Paralisia Cerebral, esta pesquisa é relevante pelo fato de mostrar que as atividades lúdicas principalmente no meio familiar são importantes para inserção social da criança. Lorenzini (1999) dissertou sobre os benefícios das brincadeiras no ambiente familiar que favorecem a ampliação sensório-motor da criança, além de trazer benefícios afetivo–sociais.

É fato que alguns estudos como *Avaliação da concentração de lactato; Análise da flexão de ombro e cotovelo*. Talvez não sirvam como referencial para o

planejamento de estratégias para inserção do aluno com Deficiência Física na aula de Educação Física Escolar. Mas, são estudos valiosos caso o professor tenha a curiosidade de entender as alterações fisiológicas e a biodinâmica do movimento de alunos com Deficiência Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo surgiu da realidade encontrada no que diz respeito à escassez literária sobre Deficiência Física em Educação Física, inicialmente a idéia era propor uma metodologia de inclusão de alunos com Deficiência Física na Educação Física Escolar. Mas, no decorrer da elaboração do projeto de pesquisa percebemos que não havia experiências suficientes que nos proporciona-se um referencial significativo para servir de base para nossa proposta. Conduzimos esta idéia para posterior especialização ou aprofundamento de estudos.

Diante disto, surgiu a necessidade de mapearmos, categorizarmos, e aglutinarmos as dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física. Fizemos o recorte temporal que teve início no ano de 1998, por ocasião da decorrência de mais de um ano na elaboração da LDB N. 9.394/96 que trouxe um texto específico sobre a Educação Especial, e então, possivelmente, os Programas de Pós-Graduação teriam algum trabalho realizado nesta perspectiva (dois anos para a defesa de dissertações para mestrado), até o ano de 2009.

Preocupante é o fato de mestres e doutores em suas formações passarem por Programas de Pós-Graduação que não se preocupam em potencializar a inserção de pessoas com Deficiência Física na Educação Física Escolar. Encontramos programas preocupados com desempenho de atletas em Esportes, a preocupação com corpo em detrimento de aspectos afetivos e sociais, e avaliações dos padrões de movimentos e etc. (CARMO, 1991).

Outra inquietação que tivemos é quando comparamos o nosso estudo com o de Manzini *et al* (2006), o seu estudo analisou as dissertações e teses produzidas no programa de Pós-graduação da UNESP de Marília/SP. Assim, ele verificou que no período de 1993 a 2004 houve um aumento de pesquisas relacionadas a pessoas com deficiência. Em nosso estudo constatamos, que no período de 1998 a 2009 não ocorreu um aumento progressivo nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física relacionados à Deficiência Física, o número de pesquisas oscilaram durante esse período. Outro dado preocupante é que desde 2005 nenhuma tese doutorado foi defendida. Evidenciando, a escassez em produções científicas sobre Deficiência Física.

Não queremos afirmar que pesquisas relacionadas aos assuntos mencionados não são importantes, de fato elas têm sim a sua relevância. Todavia, o que queremos questionar é o seguinte fato: a Educação Física é uma matéria que compõe o currículo básico da Educação, fato este garantido desde a promulgação da atual LDB, assim, os cursos de licenciaturas e a Pós-Graduação em Educação Física devem proporcionar uma formação que possibilite o professor trabalhar de maneira eficiente com os alunos com deficiência. “É preciso entender, contudo, que o desafio não deve ater-se apenas às conquistas de melhorias físicas dos deficientes físicos, mas, sobretudo, ir além, na busca de envolvimento mais amplo, em termos sociais e políticos”. (CARMO, 1991, p. 166).

Atualmente podemos observar o crescimento do Esporte Adaptado no Mundo e no Brasil, o que influenciou algumas universidades federais brasileiras, a colocarem em seus currículos a disciplina de Educação Física Adaptada, para proporcionar o aumento do conhecimento científico, já que até 1990 tínhamos mais o conhecimento empírico e a força de vontade do que a base científica própria do Esporte Adaptado. Porém, é importante também um conhecimento mais aprimorado no que diz respeito às pessoas com deficiência na Educação Física Escolar.

Não queremos que a produção científica nos proporcione “receitas de bolo”, mas, sim que nos apresente experiências que sirvam para reflexão e análise da prática de cada professor de Educação Física. A partir dessa vivência cada professor poderá criar e recriar a sua própria prática pedagógica em relação aos alunos com deficiência. A própria LDB em vigor afirma que deve existir professores preparados para proporcionar a inclusão de alunos com deficiência. Mas, a realidade encontrada em nossos estágios é outra, nos deparamos com professores que afirmam que seus cursos de licenciatura não ofereceram condições para atuação junto aos alunos com deficiência. O próprio professor deve ir atrás de fundamentações teóricas para fazer o seu planejamento. Porém, ao pesquisar ele percebe que não há uma produção científica sólida que possa lhe servir de base para o seu planejamento. Nesse sentido, observa-se que a produção científica em Educação Física sobre pessoas com Deficiência Física é bastante fragilizada.

Por conseguinte, sabe-se que muitas ações ainda precisam ser executadas para que haja uma verdadeira inserção das pessoas com Deficiência Física, denominada pelo ambiente escolar como Educação Inclusiva. Mas, verifica-se que outros fatores como: formação dos profissionais que se deparam com esse público,

minimização dos preconceitos e das barreiras sociais e arquitetônicas, também precisam ser redimensionados.

Espera-se que com o avanço da Pós-Graduação em Educação Física e a reestruturação dos currículos dos cursos em Licenciatura, o avanço da discussão sobre inclusão de pessoas com deficiência na sociedade contemporânea e avanço da tecnologia, formulação e aprovação de Leis sobre políticas públicas de inclusão social de pessoas com deficiências, estimulem novos trabalhos relacionados à Deficiência Física na Educação Física Escolar. (MANZINI *et al*, 2006).

E por fim, a proposta deste trabalho foi minimizar e catalogar a produção científica sobre Deficientes Físicos na Educação Física. Acreditamos que este estudo deverá beneficiar outros pesquisadores na busca de um referencial sobre a Deficiência Física, especialmente no que refere ao “estado da arte” da Pós-Graduação em Educação Física.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. Considerações sobre a qualidade da produção científica da Educação Física. Brasileira. *In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, v.21-N. 2/3, jan/ maio, 2000.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física - 3º e 4º ciclos. v. 7, Brasília: MEC,1998.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Jalovi. 1989.

_____. Congresso Nacional. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1997.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência física**: a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina. Brasília: Secretaria dos Desportos/PR, 1991.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. *In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Org.). **Educação Física na escola**: implicações para prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DECRETO N. 3.298 de 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Dicionário eletrônico versão 5.0: Positivo, 2004

HUNGER, Dagmar *et al.* A pessoa portadora de deficiência física e o lazer. *In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 85-100, maio 2004.

JANNUZZI, Gilberta. Algumas concepções de educação do deficiente. *In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 9-25, maio 2004.

KOKUBUN, Eduardo. Pós-Graduação em educação física no Brasil: indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas. *In: Revista Brasileira de Ciência Esporte*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 9-26, jan. 2003.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do Esporte**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1994.

LAKATOS, Eva M; MARCONI, Mariana de A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisas bibliográficas, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LORENZ, Camila F.; TIBEAU, Cynthia. Educação Física no ensino médio: estudo exploratório sobre os conteúdos teóricos. **Revista digital** - Buenos Aires – ano 9- n. 66-novembro de 2003, Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 9 out. 2009.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NEIRA, Marcos Garcia. (Entrevista) *In: Revista Nova Escola.[s.i.]*. ago. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/fundamentos/vez-formar-atletas-analisar-cultura-corporal-487620.shtml> >. Acesso em: 23 nov. 2009.

NETO, Vicente Molina. *et al.* **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/ UFRGS, 2004.

_____. Reflexões sobre a produção do conhecimento em Educação Física e Ciências do Esporte. *In: Revista Brasileira de Ciência Esporte*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 145-165, set. 2006.

OLIVEIRA, Cristina Borges. Adolescência, inclusão de deficientes e Educação Física. **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 10, N. 82, mar. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 20 out. 2009.

_____. **Políticas Educacionais inclusivas para criança deficiente: concepções e veiculações no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. FEF/UNICAMP, 2003. (Dissertação de Mestrado).

PICCOLO, V.L.Nista. **Educação Física escolar: ser ou não ter?**. São Paulo: Unicamp, 1995.

RIBEIRO, Sonia Maria; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira. *In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 57-69, maio 2004.

RODRIGUES, Graciele Massoli *et al.* Em demarcações sociais e as relações didáticas na escola: considerações acerca da inclusão. *In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 43-56, maio 2004.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 6. ed. Niterói: Impetus, 2009.

SASSAKI, R. K. Como chamar as pessoas que têm deficiência? *In: Sociedade Brasileira de Ostomizados*, ano I, n. 1, 1º sem. 2003, p.8-11.

SÉRGIO, Manuel: **Educação física ou Ciência da Motricidade Humana?**. Campinas: Papirus, 1989.

SHIRMER, Carolina R. *et al.* **Deficiência física**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física Inclusiva: em busca de uma escola plural**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

TANI, Go. Os desafios da pós-graduação em Educação Física. *In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, v. 22, n. 1, p. 79-89, set. 2000.

REFERÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES DIGITALIZADAS

BERTOLDI, Andréa Lúcia Sérgio. **A influência do uso dicas de aprendizagem na percepção corporal de crianças portadoras de deficiência motora.** 119f. Dissertação de Mestrado. UFPR, Curitiba, 2004.

BRACCIALLI, Lígia Maria Presumido. **Influência da utilização do mobiliário adaptado na postura sentada de indivíduos com paralisia cerebral espástica.** 118f. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, 2000.

CAMPEÃO, Márcia da Silva. **Proposta de ensino de bocha para pessoas com paralisia cerebral.** 117f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 2002.

CANTARELI, Édila Maria Bisognin. **Barreira sócio-culturais e o lazer da pessoa deficiente: um estudo do grupo FCD.** 100f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 1998.

CARVALHO, Ligia Maria de Godoy. **As atividades lúdicas e a criança com paralisia cerebral: o jogo, o brinquedo e a brincadeira no cotidiano da criança e da família.** 170f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 1998.

CASTELLANO, Márcia Lomeu. **Classificação funcional no basquete sobre rodas: critérios e procedimentos.** 98f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 2001.

CATUSO, Renata Lobo. **A resiliência e a imagem corporal de adolescentes e adultos com mielomeningocele.** 82f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 2007.

CHAGAS, Eliane Ferrari. **Proposta de avaliação da simetria e transferência de peso e a relação dessa condição com a atividade funcional do hemiplégico.** 156f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 1999.

COSTA, Alberto Martins da. **Atividade física e a relação com a qualidade de vida, ansiedade e depressão em pessoas com seqüelas de acidente vascular cerebral isquêmico (AVCI).** 195f. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, 2000.

FERREIRA, Eliana Lúcia. **Dança em cadeira de rodas: os sentidos da dança como linguagem não-verbal.** 150f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 1998.

_____. **Corpo-Movimento-Deficiência:** as formas do discurso da dança em cadeira de rodas e seus processos de significação. 150f. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, 2003.

GIACOMINI, Márcia Cristina Carriel. **Trabalho resistido adaptado visando a independência de pessoas com paraplegia nas suas atividades de vida diária.** Dissertação de Mestrado. 172f. Unicamp, Campinas, 2007.

GOMES, Celina Aguilár. **Paralisia Cerebral:** atividades lúdicas e processos desenvolvimentais em ambiente hospitalar. 112 f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 2008.

GONÇALVES, Viviane Pacheco. **Software de aprendizagem e controle motor para avaliação de indivíduos hemiparéticos:** validade e confiabilidade. 141f. Dissertação de Mestrado. UDESC, Florianópolis, 2008.

LORENZINI, Marlene Valdicea. **Brincando no ambiente natural:** uma contribuição para o desenvolvimento sensório-motor da criança portadora de paralisia cerebral. 184f. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, 1999.

LOVO, Thais Maria Albani. **Anosognosia:** Imagem corporal na hemiplegia. 135f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 2006.

MONTEIRO, Henrique Luiz. **Atividade física no padrão epidemiológico de transição:** investigação de lesões sensitivo-motora na hanseníase a partir de estudo transversal híbrido no Instituto Lauro de Souza Lima, Bauru. 100f. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, 1998.

SANTOS, Poliana Piovezana. **Evidências de validade da avaliação aeróbia em quadra em jogadores de basquetebol em cadeiras de rodas.** 65f. Dissertação de Mestrado. UDESC, Florianópolis, 2007.

STRAPASSON, Aline Miranda. **Proposta de ensino do polybat para pessoas com paralisia cerebral.** 84f. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 2005.

SEGURA, Maria Solange Patino. **O andar de pacientes hemiplégicos em solo e esteira com suporte total e parcial de peso.** 150f. Dissertação de Mestrado. UNESP/ Rio Claro, Rio Claro, 2005.

TORRES, Juliana de Oliveira. **Análise cinemática do padrão de arremesso em basquetebol de cadeira de rodas.** 93f. Dissertação de Mestrado. UFMG, Belo Horizonte, 2003.

REFERÊNCIAS DOS RESUMOS DISPONIBILIZADOS PELA CAPES

ANJOS, Dalva Rosa dos. **Elaboração e validação de um instrumento para percepção subjetiva dos fatores estressantes de atletas com deficiência física.** 109f. Dissertação de Mestrado. UFMG, Belo Horizonte, 2005.

BAPTISTA, Tiago Costa. **Atividade física e qualidade de vida de portadores de deficiência física de Florianópolis.** 86f. Dissertação de Mestrado. UDESC, Florianópolis, 2003.

BARELA, Ana Maria Forti. **Controle de movimentos em portadores de paralisia cerebral espástica.** 102f. Dissertação de Mestrado. UNESP, Rio Claro, 2000.

BONAMIGO, Elenita Costa Beber. **A influência do suporte de peso corporal sobre a performance da marcha de diplégicos na busca da autonomia motora.** 148f. Dissertação de Mestrado. UDESC, Florianópolis, 2002.

BRAIDA, Giane. **Contextualizando o portador de paralisia cerebral:** abordagem ecológica. 118f. Dissertação de Mestrado. UDESC, Florianópolis, 2002.

DEGANI, Adriana Menezes. **O andar hemiplégico em ambiente aquático.** Dissertação de Mestrado. 143f. UNESP, Rio Claro, 2000.

FERREIRA, Jucileá Neres. **Movimentos reflexivos do andar em crianças portadoras de paralisia cerebral.** 1106f. Dissertação de Mestrado. UNESP, Rio Claro, 2000.

GIMENEZ, Roberto. **Aquisição de ações motoras em crianças com dificuldades motoras.** 121f. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2006.

MUNIZ, Adriane Mara de Souza. **Reabilitação da marcha em esteira instrumentalizada em pacientes acometidos por trauma no membro inferior.** 108f. Dissertação de Mestrado. UDESC, Florianópolis, 2002.

SOARES, Alex Sandra Oliveira de Cerqueira. **Análise de parâmetros biomecânicos da locomoção de atletas amputados transtibiais.** 169f. Dissertação de Mestrado. USP, São Paulo, 2005.

TONON, Soraia Cristina. **Análise da marcha em indivíduos com prótese de membro inferior.** 151f. Dissertação de Mestrado. UDESC, Florianópolis, 2001.